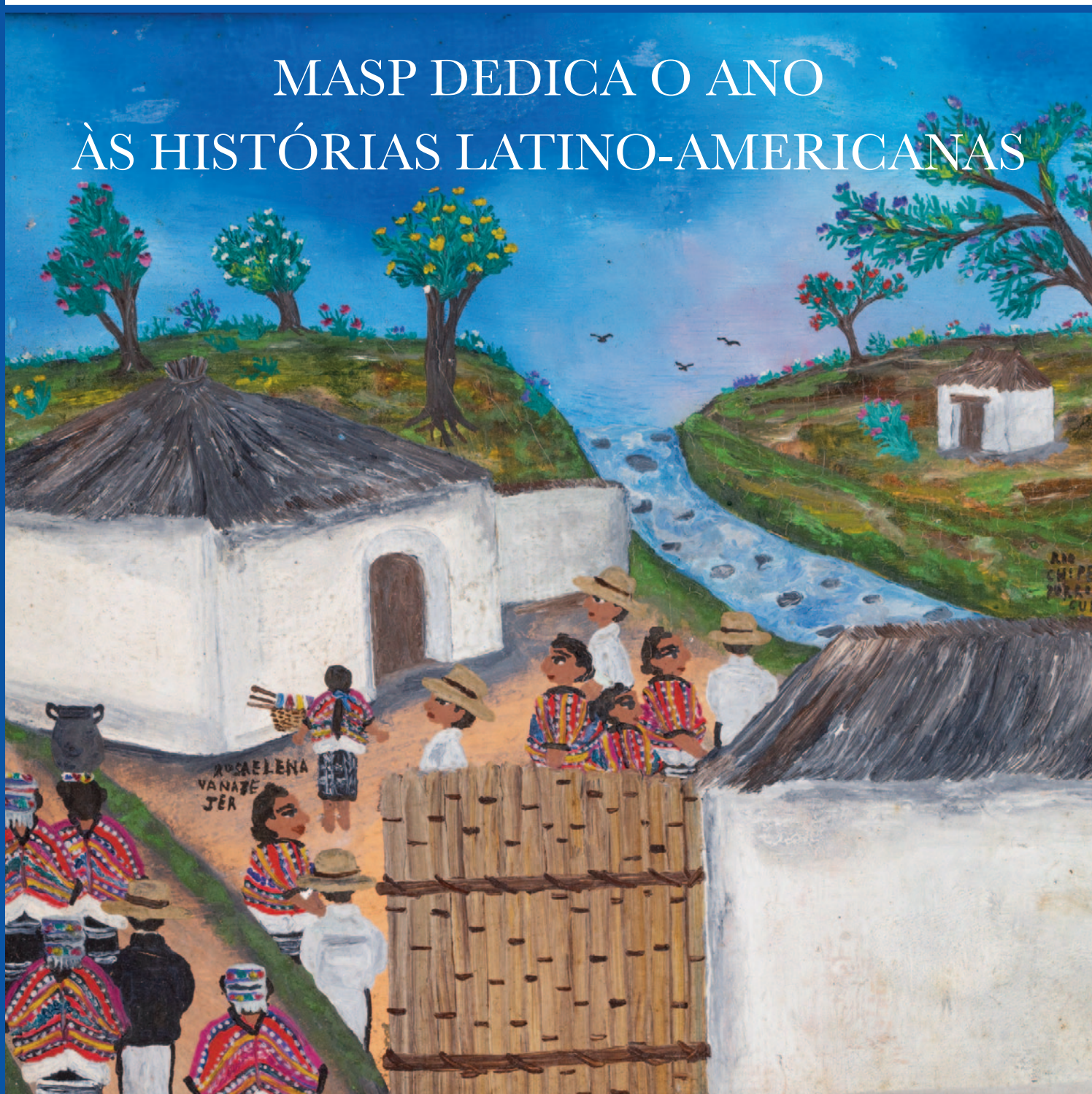
OXIGÊNIO

JANEIRO 2026 | 0 | NÚMERO 77

MASP DEDICA O ANO ÀS HISTÓRIAS LATINO-AMERICANAS



EDITORIAL

FELIZ ANO NOVO!

Abrimos o ano com um convite ao deslocamento – geográfico, histórico e simbólico. Nesta primeira edição, a OXIGÊNIO atravessa a programação de grandes centros culturais do Brasil e de Londres para mapear exposições que não apenas ocupam calendários, mas tensionam narrativas e imaginários em 2026.

O percurso tem início no Museu de Arte de São Paulo (MASP), que faz da identidade latino-americana o eixo conceitual de sua programação anual. Mais do que um tema, trata-se de um campo de forças que atravessa exposições, cursos, palestras, oficinas, seminários e publicações, propondo leituras múltiplas sobre pertencimento, história e construção cultural.

Mostras individuais de artistas como Jesús Soto, Damián Ortega, Sandra Gamarra e La Chola Poblete articulam-se à grande coletiva internacional *Histórias latino-americanas*, que ocupará os cinco andares do edifício Pietro Maria Bardi. Estruturada em cinco núcleos, a exposição interroga a própria ideia de América Latina: como foi formulada, disputada, apropriada e transformada ao longo do tempo – e quem teve o poder de narrá-la.

Em Londres, como observa a correspondente Maria Hermínia Donato, as instituições culturais parecem igualmente interessadas em abandonar a linha reta da história da arte para apostar no atrito. Passado e presente se friccionam; forma e política se entrelaçam; visibilidade e apagamento coexistem em tensão. Nesse contexto destaca-se *The 90s*, exposição que será inaugurada em outubro na Tate Britain. A mostra revisita uma década que reconfigurou profundamente a cultura britânica, marcada por irreverência, experimentação e rupturas simbólicas. Com curadoria de Edward Enninful, o projeto investiga como os anos 1990 ajudaram a forjar uma nova identidade cultural, a partir do cruzamento entre arte, moda, música e design.

Boa leitura!

Capa: Rosa Elena Curruchich, *Rosa Elena van a tejer río chiperen (Rosa Elena vai tecer no rio Chiperen)*, circa 1980, detalhe – Foto: Eduardo Ortega

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Maurette Brandt

ÍNDICE

04 **TEATRO:** *Morte e Vida Severina* no Sesc Pinheiros, SP | No Sesc Copacabana, até 1º de fevereiro, *Haddad e Borghi: Cantam o Teatro, Livres em Cena* | *Um dia de semana qualquer* | *Felizarda,* no Teatro Glaucio Gill, RJ | *Entre a Cruz e os Canibais*

13 **LITERATURA:** *Caminhos abertos* | Livros que se expandem: edições especiais como arte

16 **MATÉRIA DE CAPA:** MASP elege identidade latino-americana como eixo central de 2026

26 *Riquezas do mundo interno – coleções e leituras* no Museu de Imagens do Inconsciente, RJ

30 Itaú Cultural 2026

34 Pinacoteca de São Paulo anuncia programação de exposições para 2026

38 Projeto Maravilha: Anna Bella Geiger

42 Inhotim 20 anos

46 **DIRETO DE LONDRES:** Londres 2026 – Entre herança e deslocamento

54 Entre a Amazônia de Albert Frisch e a obra multifacetada de Fernando Lemos, o IMS revela seus destaques do ano

59 Horizonte de Quéops: Viagem ao Antigo Egito

62 Seis museus pelo Brasil para visitar com crianças

66 **OXIGENE: Exposições:** *Hoje, eu contei pras paredes* – Mostra de Mário Camargo – Centro Cultural Cândido Mendes, RJ | *Festa no Céu* – Instalação inédita de Daiara Tukano no CCBB BH | *Villes et Cores* – paisagens urbanas de Jérôme Poignard no Espaço Cultural Correios Niterói, RJ – **Concertos:** Theatro Municipal de São Paulo abre temporada 2026 com *Floresta Brasileira* – **Balé:** *Giselle* – Teatro J. Safra, SP – Companhia Paulista de Dança – **Cinema:** *Morra, Amor*, com Jennifer Lawrence – estreia exclusiva no MUBI 23 de janeiro – **Teatro:** *A Sabedoria dos Pais* – Teatro Vannucci – Temporada prorrogada até 8 de fevereiro – **Gastronomia:** *Em Busca de Hansik* – Gastronomia coreana em Niterói

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

“MORTE E VIDA SEVERINA” NO SESC PINHEIROS, SP



Foto: Thiago Gouveia

Obra de João Cabral de Melo Neto, com músicas de Chico Buarque, direção de Luiz Fernando Lobo e direção musical de Itamar Assiere, até 18 de janeiro no Sesc Pinheiros

Com este espetáculo, a Companhia Ensaio Aberto dá voz aos Severinos, filhos de tantas Marias. Para o diretor Luiz Fernando Lobo, que encenou a obra pela primeira vez há vinte anos, o contexto histórico se transformou profundamente: *“Nos vinte anos que se passaram entre a primeira montagem e esta atual, saímos do Mapa da Fome e chegamos a ser a sexta economia do mundo. Ao mesmo tempo, as manchas demográficas da Geografia da Fome deixaram de estar concentradas apenas nos sertões do Nordeste e passaram a ocupar também as grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Nova Iorque, Paris e Berlim.”*

Assim, a peça deixa de ser apenas um poema regional brasileiro. Aqueles que vivem e morrem de morte severina estão hoje espalhados pelas *"serras magras e ossudas"* do mundo. A sombra da fome avança globalmente, impulsionada pelo aprofundamento das desigualdades sociais. Dados da Oxfam indicam que o 1% mais rico da população mundial concentra atualmente 45% da riqueza global, enquanto 44% da humanidade vive com menos de 6,85 dólares (R$ 41,50) por dia, e as taxas de pobreza global permanecem praticamente inalteradas desde 1990.

Morte e Vida Severina, da Companhia Ensaio Aberto, estreou no Castelo de São Jorge, em Lisboa. Em cena, participam quatro músicos e 25 atores, com Gilberto Miranda no papel de Severino, desde a versão apresentada em Portugal. Com cenário de J.C. Serroni, iluminação de Cesar de Ramires e figurinos de Beth Filipecki e Renaldo Machado, o espetáculo recebeu, em 2022, três indicações ao Prêmio Shell de Teatro – vencendo na categoria Música – e seis indicações ao Prêmio APTR de Teatro, com prêmio na categoria Iluminação, além de outras indicações e reconhecimentos.

SERVIÇO

"Morte e Vida Severina"
8 a 18 de janeiro
Sesc Pinheiros – Teatro Paulo Autran
Rua Paes Leme, 195, Pinheiros, São Paulo / SP
Dias/Horários: quinta, sexta e sábado, às 20h; domingo, às 18h; no sábado, dia 17, acontecem duas sessões: às 16h e às 20h
Ingressos: R$ 21,00 (credencial plena), R$ 35,00 (meia) e R$ 70,00 (inteira) – Venda online pelo aplicativo Credencial Sesc SP ou pelo site https://centralrelacionamento.sescsp.org.br/ e presencial em todas as bilheterias da rede Sesc SP.
Duração: 90 minutos | *Classificação Etária Indicativa:* 12 anos
Acessibilidade: Nos dias 15, 16, 17 e 18 haverá tradução em LIBRAS. A unidade possui rampas de acesso e elevadores, além de banheiros e vestiários adaptados para pessoas com mobilidade reduzida. E também conta com espaços reservados para cadeirantes.

Foto: Divulgação





Foto: João Maria

No Sesc Copacabana, até 1º de fevereiro, “Haddad e Borghi: Cantam o Teatro, Livres em Cena”

Idealizado e concebido por Eduardo Barata, o espetáculo reúne dois mestres das artes cênicas, fundadores do Oficina, com ingressos a partir de R$ 10

Em março de 2024, durante um jantar na casa de Eduardo Barata, em homenagem a Renato Borghi, com Amir Haddad entre os convidados, aconteceu o reencontro de dois mestres das artes que não se viam pessoalmente havia anos. À mesa, histórias se sucederam sem pausa – fruto de 88 anos de vida e 70 de amizade (Borghi e Haddad, junto com Zé Celso, entraram para história quando criaram o Grupo Oficina). Encantado com a força desses relatos, Barata decidiu ali mesmo transformá-los em cena. Assim nasceu *“Haddad e Borghi: Cantam o Teatro, Livres em Cena”*, espetáculo que estreia em 8 de janeiro no Teatro Sesc Copacabana, após temporada de sucesso em São Paulo.

Escrito a quatro mãos por Eduardo Barata e Elaine Moreira, o espetáculo foi concebido a partir de encontros criativos com os protagonistas e parte da equipe artística. A dramaturgia é atravessada pela ideia de liberdade, tema que norteia as trajetórias de Amir Haddad e Renato Borghi; e estrutura a narrativa em constante trânsito, aberta à improvisação e ao encontro com o público.

A montagem marca também a estreia de Amir Haddad como ator em uma temporada paulista. Em cena, Amir e Renato compartilham reflexões sobre o ofício do ator, a existência, os múltiplos "Brasis" que os atravessam e episódios decisivos de suas vidas pessoais e artísticas, que somam quase dois séculos de história. A cada apresentação, o elenco provoca a dupla, ativando novas memórias e diálogos.

Inspirado por linguagens como a ópera, o circo, as artes visuais e o carnaval, o espetáculo dialoga com referências que vão de Hélio Oiticica e Lygia Clark a Elis Regina, Zé Kéti, Braguinha, Bizet e Donizetti. A trilha sonora ao vivo – assinada pelo Trio Júlio – evoca o universo da Rádio Nacional, reunindo marchinhas, sambas, bossa nova e canções emblemáticas do teatro brasileiro.

O elenco, formado por Débora Duboc e Élcio Nogueira Seixas, Duda Barata e Máximo Cutrim, revisita textos e autores fundamentais para a formação artística de Haddad e Borghi, como Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Gianfrancesco Guarnieri, Arthur Miller e Bertolt Brecht.

Com figurinos de Rute Alves, cenário de Rostand Albuquerque e iluminação de Ricardo Viana e Rodrigo Palmieri, a encenação propõe um espaço mutável. Dois grandes tronos móveis evocam a realeza simbólica dos homenageados, enquanto o palco também se transforma em camarim, reunindo objetos pessoais, imagens e referências visuais inspiradas em Oiticica e Clark. Ícones do teatro moderno brasileiro, Amir Haddad e Renato Borghi seguem como referências vivas do fazer teatral, no Brasil e no exterior. *"Haddad e Borghi: Cantam o Teatro, Livres em Cena"* celebra não apenas suas trajetórias, mas o teatro como espaço de encontro, memória, invenção e liberdade contínua.

SERVIÇO

"Haddad e Borghi: Cantam o Teatro, Livres em Cena"
De 8 de janeiro a 1º de fevereiro
Sesc Copacabana
R. Domingos Ferreira, 160, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ
Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingos, às 18h
Ingressos: R$ 30,00 (inteira) / R$ 15,00 (meia) /
R$ 10,00 (credencial plena)
Classificação: Livre | *Duração:* 100 minutos



Fotos: João Maria



UM DIA DE SEMANA QUALQUER



Foto: Nathan Lisboa

Com espetáculo gratuito sobre a solidão contemporânea, Associação Teatral Notívagos Burlescos celebra 23 anos

Livremente inspirada em *Request Concert*, de Franz Xaver Kroetz, *Um Dia de Semana Qualquer* propõe um mergulho na solidão urbana e no caos criativo contemporâneo. A montagem da Associação Teatral Notívagos Burlescos, de Botucatu – que celebra 23 anos de trajetória – será apresentada no Teatro Alfredo Mesquita, em São Paulo, de 14 a 18 de janeiro, com sessões gratuitas e uma apresentação extra no dia 17.

Com dramaturgia de Sheyla Coelho e Robert Coelho e direção de João Alves, o espetáculo articula vídeo *mapping*, dança-teatro e música ao vivo. Viabilizada pelo PROAC 22/2024, a encenação rompe com o hiperrealismo de Kroetz para criar uma experiência entre o épico e o lírico, abordando temas urgentes como solidão, depressão e ansiedade, intensificados no período pós-pandêmico.

A narrativa acompanha duas figuras em crise: uma mulher imersa em uma rotina atravessada pelo ruído da cidade, das redes e dos fluxos incessantes de informação; e uma atriz em conflito criativo e ideológico, em busca de meios para realizar um trabalho transformador. Ao se encontrarem, essas personagens tentam se reconstruir em meio a uma sociedade fragmentada que impõe exaustão e isolamento.

A montagem dialoga com o conceito de *Sociedade do Desempenho*, de Byung-Chul Han, refletindo sobre a precarização do trabalho, o culto à produtividade e a positividade tóxica. Nesse contexto, as relações humanas e os encontros reais cedem espaço ao automatismo das plataformas digitais, à lógica da audiência e à diluição das subjetividades.

Para João Alves, *"a encenação responde a esse cenário ao recolocar o humano no centro da experiência teatral. Ao equilibrar densidade temática e prazer estético, o espetáculo busca criar imagens potentes que convidam à reflexão sem abrir mão da fruição, afirmando o teatro como espaço de encontro, presença e resistência".*

SERVIÇO

Um Dia de Semana Qualquer
Dias 14, 15, 16, 17 e 18 de janeiro
Sessão extra: 17 de janeiro, sábado, às 17h30
Teatro Alfredo Mesquita
Av. Santos Dumont, 1770, Santana, São Paulo / SP
Dias/Horários: quarta a sábado, às 20h; domingo, às 19h
Ingressos: Gratuitos, presencial, bilheteria, 1 hora antes de cada sessão
Acessibilidade: O Teatro é acessível a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida na plateia.

Foto: Nathan Lisboa





Foto: Cassandra Mello

“FELIZARDA”, no Teatro Glaucio Gill, RJ

Idealizada pelas atrizes Bella Camero e Louise D’Tuani, a comédia reflete sobre a hiperprodutividade e os abismos da comunicação no mundo corporativo; elenco também conta com Felipe Haiut e Sol Menezzes

Ser a “felizarda” por conquistar uma vaga de emprego. Trabalhar. Compartilhar a mesa com colegas. Mas… para fazer o quê? Em um mundo cada vez mais orientado pela produtividade incessante, o espetáculo *Felizarda* mergulha nas inquietações contemporâneas e nos efeitos dessa lógica sobre a vida e a psique. Na comédia idealizada pelas atrizes Bella Camero e Louise D’Tuani, uma pessoa começa a trabalhar em uma empresa cujo produto sequer conhece.

Enquanto tenta descobrir o que, afinal, está vendendo, a personagem enfrenta neuroses e histerias típicas do

nosso tempo. Sintomas psíquicos emergem no ritmo frenético da hiperprodutividade e das falhas de comunicação, compondo um retrato tragicômico da sociedade atual.

O projeto nasceu do desejo de Bella Camero e Louise D'Tuani de trabalharem juntas. Para a construção da dramaturgia, convidaram a escritora e dramaturga Cecília Ripoll, buscando um texto que refletisse sobre o presente sem abrir mão do humor. *"Estamos tão focados em provar que podemos ser eficientes e produtivos o tempo todo que nos alienamos de nós mesmos e dos outros"*, afirma Louise.

Os personagens não têm nomes próprios, reforçando a lógica de substituição do mundo corporativo. São identificados apenas por suas funções: Vizinho de Mesa (Felipe Haiut), Mentora (Louise D'Tuani), Felizarda (Bella Camero) e Esposa da Felizarda (Sol Menezzes). *"Queríamos mostrar como, nesse sistema, todos se tornam facilmente descartáveis"*, comenta Bella Camero.

Com encenação de Beatriz Barros, o espetáculo dissolve as fronteiras entre vida profissional e pessoal. A cenografia de Pedro Levorin articula elementos híbridos desses dois universos, enquanto a iluminação de Wagner Antônio acentua o clima simultaneamente cotidiano e distópico. A trilha original de Dani Nega cria linhas sonoras próprias para cada personagem, inspiradas na improvisação do jazz, e os figurinos de Ariel Ribeiro traduzem corpos contemporâneos em estado de tensão e colapso. Apesar dos temas densos, *Felizarda* aposta no humor e na ironia para criar uma distopia atemporal, que poderia acontecer no passado, no presente ou no futuro.

SERVIÇO

Felizarda
De 14 de janeiro a 6 de fevereiro
Teatro Glaucio Gill
Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ
Dias/Horários: quartas, quintas e sextas, às 20h
Ingressos: R$ 60 (inteira) / R$ 30 (meia)
Duração: 70 minutos | *Classificação:* 14 anos

Foto: Heloisa Bortz



ENTRE A CRUZ E OS CANIBAIS

Marcos Damigo retrata as origens de São Paulo em seu quinto espetáculo sobre a história do Brasil. Estreia acontece na semana do aniversário da cidade

Dedicado a provocar novos imaginários sobre o passado brasileiro, Marcos Damigo pesquisa e encena peças que revisitam criticamente a história do país. Seu novo espetáculo, *Entre a Cruz e os Canibais*, lança luz sobre a construção do mito bandeirante e, por consequência, da identidade de São Paulo. A montagem estreia no Teatro Arthur Azevedo, em São Paulo, com temporada de 22 de janeiro a 15 de fevereiro.

Em tom de comédia farsesca, a peça revisita narrativas fundadoras e expõe o desencontro entre o projeto colonial e a realidade da Vila de São Paulo de Piratininga. Damigo lembra que a imagem heroica dos bandeirantes foi forjada apenas no século XIX, a serviço dos interesses da elite cafeeira, associando São Paulo às ideias de trabalho, progresso e modernidade.

Ambientada em 1599, a trama reúne quatro personagens – o Juiz, o Governador-geral, o Vereador e o Procurador – e se inicia com a chegada de Dom Francisco de Souza à pequena e isolada vila, a única aglomeração europeia além do litoral, separada do restante do território pela íngreme Serra do Mar.

O Juiz enfrenta a revolta dos moradores e o temor de um ataque indígena, após o sequestro de tupis aliados cometido pelo Vereador. O Procurador, um degredado que mantém vínculos com os indígenas, espera que a presença do Governador-geral faça valer a lei que proíbe sua escravização. No entanto, Dom Francisco – conhecido como "das Manhas" – conduz os conflitos de acordo com seus próprios interesses.

A encenação evidencia um dos grandes paradoxos do projeto nacional: é justamente no momento em que São Paulo dá seus primeiros passos rumo ao progresso econômico, com o avanço das bandeiras pelo interior, que se intensifica a exploração sistemática da mão-de-obra indígena. Para Damigo, *"o humor e a comédia de escárnio são estratégias para revelar o grotesco oculto sob o discurso civilizatório e moderno".*

Escrito com consultorias do dramaturgo Luís Alberto de Abreu e dos historiadores Paulo Rezzutti e Rodrigo Bonciani, o espetáculo dialoga com a tradição das comédias populares brasileiras, de Martins Pena a Arthur Azevedo. *Entre a Cruz e os Canibais* conta com patrocínio da *Google Cloud*, por meio do PRONAC, e reafirma o teatro como espaço de revisão crítica da história e de seus mitos fundadores.

SERVIÇO

Entre a Cruz e os Canibais
De 22 de janeiro a 15 de fevereiro
Teatro Arthur Azevedo
Av. Paes de Barros, 955, Alto da Mooca, São Paulo / SP
Tel.: (11) 2604-5558
Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingos, às 19h
Acessibilidade: 23 de janeiro – Libras e audiodescrição
Ingresso: R$20,00 (inteira)/R$10,00 (meia entrada)
Bilheteria presencial aberta uma hora antes de cada sessão
Ingressos online: https://bileto.sympla.com.br/event/114382/d/355097/s/2395427?share_id=1-copiarlink
Atenção: Dias 22, 23, 24 e 25/01, em comemoração ao aniversário da cidade de São Paulo, o espetáculo será gratuito.
Duração: 85 minutos |*Classificação indicativa:* 12 anos





Fotos: Heloisa Bortz

CAMINHOS ABERTOS

Editora Sextante celebra os 90 anos de Artur da Távola com novo livro

Com uma trajetória que atravessou o jornalismo, a literatura, a televisão, a política e a crítica cultural, Artur da Távola tornou-se um dos observadores mais refinados da vida brasileira. Suas crônicas abordam amor, ética, afeto, desigualdade, comportamento, música e o sempre complexo exercício de existir, temas que permanecem atuais e continuam a dialogar com leitores de todas as gerações.

Em 2026, Távola completaria 90 anos. Para homenageá-lo, a Editora Sextante lança *Caminhos abertos*, uma coletânea com 90 crônicas escritas entre 1970 e 2005, selecionadas para revelar a amplitude de seu pensamento e a força de sua prosa.

A edição reúne ainda depoimentos inéditos de artistas e parceiros que conviveram com o autor, entre eles Fernanda Montenegro, Paulo Coelho, Roberto Menescal, Zelito Viana, Joaquim Ferreira e Pedro Bial.

O livro marca o retorno da obra de Artur da Távola às livrarias e convida novas gerações a redescobrir sua prosa afetiva, crítica e profundamente brasileira.

SOBRE O AUTOR

Artur da Távola, pseudônimo de Paulo Alberto Moretzsohn Monteiro de Barros, nasceu no Rio de Janeiro em 1936. Jornalista, radialista, cronista, poeta e político, teve seu mandato de deputado estadual cassado pelo regime militar de 1964 e exilou-se no Chile. De volta ao Brasil em 1968, seguiu na política, elegendo-se duas vezes deputado federal e senador, ao mesmo tempo em que escreveu dezenas de livros – reunindo crônicas, poemas e ensaios sobre comunicação. Faleceu em 9 de maio de 2008, aos 72 anos.

FICHA TÉCNICA

Caminhos abertos, Artur da Távola
Lançamento: 6 de janeiro
Número de páginas: 288
Formato: 14x21 cm
Preço: R$ 69,90 / R$ 42,99 – e-book
Leia amostra em: https://sextante.com.br/cdn/shop/files/Caminhos_abertos__trecho.pdf?v=5666648635285826369

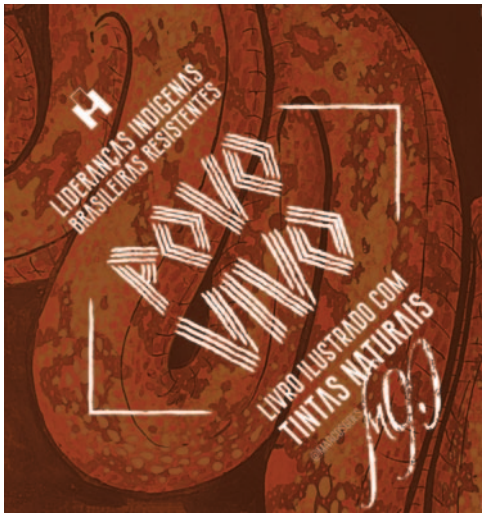


Livros que se expandem: edições especiais como arte

Há livros que extrapolam o ato da leitura. Afirmam-se como objetos de presença, convidam à contemplação e transformam os espaços que ocupam. Nesta vitrine especial, quatro edições que aliam excelência gráfica, potência narrativa e impacto visual, que revelam o livro como suporte artístico e experiência sensível.

De *Povo vivo* (Hanoi Editora), que celebra ancestralidade e resistência indígena em imagens vibrantes, ao monumental *O Livro dos Mortos do Antigo Egito* (Mantra), um mergulho estético e histórico nas tradições funerárias egípcias, cada obra abre uma janela para mundos profundos. A seleção continua com *O jardim secreto* (Principis), cuja atmosfera intensa se soma à edição caprichada, e o clássico *O morro dos ventos uivantes* (Grupo Editorial Edipro), que ganha novas camadas quando apresentado em versão de alta beleza editorial.









O LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO

O Livro dos Mortos é uma coleção de textos sagrados e feitiços destinados a guiar as almas na jornada ao além-vida. A tradução do Papiro de Ani revela a complexidade dos rituais, a moralidade e a visão espiritual que permeava o cotidiano egípcio e a sua religião. Esta edição expandida reproduz as pranchas originais, acompanhadas de notas explicativas e comentários de Budge (1857-1934), um dos autores mais notáveis em egiptologia da história. Além disso, é complementada por capítulos de outros papiros, que melhoram a compreensão dos textos sagrados e aprimoram o conhecimento sobre a estreita conexão entre o povo do Egito Antigo e o divino.

FICHA TÉCNICA

Edição Especial Expandida e Anotada com Pranchas

Autor: E. A. Wallis Budge

Editora: Mantra
Onde encontrar: Amazon
Número de páginas: 400
Formato: 16x3x23 cm
Preço: R$ 79,80

POVO VIVO: LIDERANÇAS INDÍGENAS BRASILEIRAS RESISTENTES

Reunindo reproduções de dez obras realizadas com tintas naturais e nanquim ecológico, que homenageiam dez lideranças indígenas vivas de diferentes povos e regiões do Brasil, o livro se apresenta como um manifesto artístico e educativo. A publicação propõe um novo olhar sobre a ancestralidade, revisitando a história a partir das perspectivas dos povos originários que habitam o vasto território hoje demarcado como Brasil. Mais do que um material didático atualizado, a obra reivindica visibilidade, respeito e cuidado no modo de olhar para essas mestras e mestres, cujas trajetórias de resistência ensinam por meio da ação. Ao valorizar saberes que transformam e inspiram, o livro convida à construção de novos imaginários e à possibilidade de reescrever o presente e o futuro a partir de princípios de igualdade, afeto e relação com a natureza.

FICHA TÉCNICA

Autor: Marcos Goes
Editora: Hanoi
Onde encontrar: Amazon
Número de páginas: 56
Formato: 30x0,5x30 cm
Preço: R$ 169,90

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Um dos maiores clássicos da literatura de língua inglesa, *O Morro dos Ventos Uivantes* é o único romance escrito por Emily Brontë. Publicado em 1847, o livro chocou a sociedade vitoriana da época. Desde então, tem cativado leitores no mundo inteiro com seu clima soturno e uma paixão arrebatadora. Com nuances fantasmagóricas, a obra narra a história da família Earnshaw. Heathcliff é o filho adotivo da família; depois da morte do patriarca, ele passa a ser destratado por seu irmão Hindley, mas conta com a compaixão da irmã, Catherine. Rancor, vingança e paixões proibidas dão o tom deste fascinante romance.

FICHA TÉCNICA

Autora: Emily Brontë
Editora: Via Leitura
Onde encontrar: Amazon
Número de páginas: 320
Formato: 14,5x2,4x21,5 cm
Preço: R$ 50,99

O JARDIM SECRETO

A descoberta de um jardim abandonado transforma não só a vida da pequena órfã, carrancuda, rude e malhumorada, como a de todos que vivem no Solar de Misselthwaite, localizado na sombria Yorkshire. Quando Mary Lennox deixa a Índia e chega à mansão de seu tio, tudo parece estranho para ela. Até que certo dia ouve falar de um jardim misterioso, onde ninguém põe os pés há dez anos. Com a ajuda de alguns novos amigos, ela planeja descobrir esse segredo – e fazê-lo florescer novamente. *O jardim secreto* possui elementos maravilhosos de mistério e espiritualidade, personagens encantadores e uma representação autêntica das emoções e experiências da infância.

FICHA TÉCNICA

*Autor: F*rances Hodgson Burnett
Editora: Principis
Onde encontrar: Principis
Número de páginas: 272
Formato: 15,5x2,90x22,6 cm
Preço: R$ 49,90

MASP elege identidade latino-americana como eixo central de 2026



Jesús Rafael Soto, 1969

Foto: Divulgação

Ao longo deste ano, o Museu de Arte de São Paulo apresentará uma programação dedicada à noção de latinidade, com atividades que incluem exposições, cursos, palestras, oficinas, seminários e publicações. Mostras destacam obras de Jesús Soto, Damián Ortega, Sandra Gamarra e La Chola Poblete, entre outros artistas

A noção de latinidade, presente em narrativas históricas e concepções de arte e cultura visual, será o eixo central da programação do MASP em 2026, que abordará a América Latina não apenas como uma região, mas como uma identidade em constante construção e disputa, compartilhada entre os países que a compõem. O ano contará com exposições monográficas de artistas, coletivos e ativistas, além de uma ampla mostra coletiva, articulada em cinco núcleos.

O programa dá sequência às exposições dedicadas às Histórias no MASP, realizadas desde 2016 e que incluem: *Histórias da infância* (2016), *Histórias da sexualidade* (2017), *Histórias afro-atlânticas* (2018), *Histórias das mulheres, histórias feministas* (2019), *Histórias da dança* (2020), *Histórias brasileiras* (2021-22), *Histórias indígenas* (2023), *Histórias LGBTQIA+* (2024) e *Histórias da ecologia* (2025).

PROGRAMAÇÃO

Sandra Gamarra Heshiki: *Réplica*

De 6 de março a 7 de junho – Edifício Lina Bo Bardi

Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP; Florencia Portocarrero, curadora independente; Guilherme Giufrida, curador assistente, MASP; e Sharon Lerner, diretora artística, MALI

A primeira exposição panorâmica da artista peruana Sandra Gamarra Heshiki (Lima, Peru, 1972) reúne aproximadamente 80 obras dos últimos 25 anos de sua produção. Desde o final dos anos 1990, o trabalho de Gamarra adota uma perspectiva de crítica institucional, evidenciada pela criação do museu fictício LiMAC. A artista questiona a neutralidade das representações artísticas ao utilizar a apropriação crítica de pinturas e esculturas, sobretudo do período colonial, estabelecendo a *"réplica"* como forma de resposta a narrativas estabelecidas. A própria organização da mostra imita e critica a cronologia clássica de um museu latino-americano. A mostra é organizada em parceria com o Museu de Arte de Lima (MALI).



Sandra Gamarra Heshiki, *Doble (Duplo)*, 2023
Foto: Eduardo Ortega

La Chola Poblete: *Pop andino*

De 6 de março a 2 de agosto – Edifício Pietro Maria Bardi
Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Leandro Muniz, curador assistente, MASP

La Chola Poblete (Guaymallén, Argentina, 1989) desenvolve performances, desenhos, fotografias e vídeos que partem de seu próprio corpo e trajetória para investigar as complexidades da identidade *chola* – termo utilizado para designar mulheres mestiças de ascendência indígena na América Latina – e os persistentes legados coloniais na região andina. Sua produção aborda, ainda, a violência direcionada à população LGBTQIA+ e a grupos racializados, contextos dos quais a própria artista faz parte.



La Chola Poblete, *Sem título,* da série *Virgenes cholas (Virgens cholas)*, 2023
Foto: Lista Registra Studio

A mostra reúne um conjunto expressivo de obras inéditas em diferentes mídias, incluindo aquarelas de grandes dimensões que operam como mapas mentais, fotografias encenadas e trabalhos que articulam a iconografia pop ao imaginário pré-colombiano. Estruturado a partir de um manifesto da artista, o projeto questiona as categorias que historicamente enquadram seu corpo e sua obra, afirmando identidades híbridas e a possibilidade de transformação e fluidez contínuas. Esta é a primeira exposição individual de La Chola Poblete no Brasil.

Claudia Alarcón & Silät: *Viver tecendo*

De 6 de março a 2 de agosto – Edifício Pietro Maria Bardi
Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Laura Cosendey, curadora assistente, MASP

Claudia Alarcón (La Puntana, Argentina, 1989) e o coletivo de tecedeiras Silät, formado em 2023 por mulheres de comunidades wichí do norte da província de Salta, na Argentina, desenvolvem obras têxteis a partir de técnicas ancestrais de seu povo. A exposição reúne 30 trabalhos, incluindo peças inéditas, produzidas com fios de *chaguar* – uma bromélia nativa do território onde vivem as artistas – que resgatam padrões e procedimentos tradicionais empregados na confecção das *yicas*, bolsas típicas da região.



Claudia Alarcón & Silät Chelchup, *Otoño (Outono)*, 2023
Foto: Divulgação

Para o povo *wichí*, o ato de tecer está profundamente ligado à memória, à mitologia e ao território. Alarcón & Silät preservam e atualizam esses saberes, ao explorar composições sofisticadas, derivadas dos padrões tradicionais. Ao reivindicar o protagonismo feminino, as artistas mobilizam a produção têxtil como uma linguagem viva e um instrumento de afirmação cultural e política, por meio do qual expressam sua história e identidade. Esta é a primeira exposição individual no Brasil dedicada ao trabalho de Alarcón & Silät.

Santiago Yahuarcani: *O princípio do conhecimento*
De 3 de abril a 2 de agosto – Edifício Pietro Maria Bardi
Curadoria: Amanda Carneiro, curadora, MASP
A mostra dedicada a Santiago Yahuarcani (Pebas, Peru, 1960) reúne 30 pinturas, entre as quais obras inéditas, e dá continuidade à projeção internacional de Yahuarcani após sua participação na 60ª Bienal de Veneza (2024). A obra do artista indígena do povo Uitoto, radicado na Amazônia peruana, está profundamente enraizada nas tradições orais, na cosmologia e na cultura visual de sua comunidade, articulando memória familiar, história e imaginação. Por meio da pintura, Yahuarcani desenvolve uma prática que combina investigação artística e retomada de narrativas. A história de deslocamento, violência e sobrevivência de sua família, descendente de sobreviventes da exploração do ciclo da borracha, é um fio condutor central em sua obra. O uso de pigmentos naturais e da *llanchama* – tela feita da casca de árvores amazônicas – reforça a relação com a terra. A mostra é organizada em parceria com o *Museo Universitario del Chopo* (Cidade do México) e o *The Whitworth* (Manchester).

Colectivo Acciones de Arte: *Democracia radical*
De 3 de abril a 2 de agosto – Edifício Pietro Maria Bardi
Curadoria: André Mesquita, curador, MASP
O Colectivo Acciones de Arte (CADA) foi fundado em Santiago do Chile em 1979, durante a ditadura militar, pelos artistas Lotty Rosenfeld (1943-2020) e Juan Castillo (1952-2025), a escritora Diamela Eltit, o poeta Raúl Zurita e o sociólogo Fernando Balcells. O grupo re-

Santiago Yahuarcani, Sin título (Sem título), 2021

Foto: CRISIS Gallery / Reprodução



alizou, de forma rápida e anônima, intervenções em espaços públicos para repensar as relações entre arte e política em um contexto de violência e precariedade. A exposição reúne fotografias, filmes e documentos que registram as oito ações do coletivo entre 1979 e 1985. A intervenção mais conhecida, *"NO+"* (1983), espalhou o slogan aberto *"NO+" (Não mais)* pelos muros da cidade, que foi livremente completado por cidadãos e movimentos sociais *("NO+ dictadura", "NO+ hambre")*. Essa participação popular transformou a ação em uma poderosa forma de denúncia e expressão coletiva, fundamental para compreender as articulações entre arte e política na América Latina.



Colectivo Acciones de Arte (CADA), *NO+*, 1983 Foto: Arquivo CADA

Damián Ortega: *Matéria e energia*

De 15 de maio a 13 de setembro – Edifício Lina Bo Bardi

Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP; Rodrigo Moura, diretor artístico, MALBA; e Yudi Rafael, curador assistente, MASP, com assistência de Isabela Ferreira Loures, assistente curatorial, MASP

A mostra apresenta mais de três décadas de trabalho do artista Damián Ortega (Cidade do México, México, 1967), um dos principais expoentes de sua geração. Transitando entre fotografia, vídeo, escultura e instalação, Ortega convida o público a reexaminar materiais e objetos cotidianos para investigar narrativas sociais, econômicas e políticas. Em sua icônica prática escultórica, ele desmonta objetos, como carros, reorganiza suas partes e as exibe em novas configurações. O mesmo pensamento de rearranjo aparece em obras em que dispõe ferramentas, pedras ou tijolos em montagens suspensas. A reorganização desses objetos na forma de diagramas espaciais é frequentemente carregada de humor e comentários políticos e sociais. A exposição destaca obras importantes de sua trajetória e um conjunto de trabalhos que investigam aspectos da arquitetura brasileira. A mostra é organizada em parceria com o *Museo de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (MALBA)* e marca a primeira individual de Ortega em um museu de São Paulo.



Damián Ortega, *Controller of the Universe (Controle do universo)*, 2007 Foto: Cortesia do artista



Carolina Caycedo, *Our Mineral Intensive Future (Nossos Futuros com Uso Intensivo de Minerais), 2024*
Foto: Site da artista / Reprodução

Sol Calero

30 de maio – Vão Livre

Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Laura Cosendey, curadora assistente, MASP



Sol Calero, *Pabellón criollo (Pavilhão criollo)*, 2024, 60ª Biennale di Venezia
Foto: Andrea Rossetti

A artista Sol Calero (Caracas, Venezuela, 1982) desenvolve espaços imersivos que combinam elementos da arquitetura vernacular com uma visualidade inspirada em referências latino-americanas, explorando a ideia de uma pintura expandida em murais, mosaicos e mobiliário. Após apresentar o *Pabellón Criollo* na 60ª Bienal de Veneza (2024), uma instalação que recebeu este nome a paritr de u m prato típico venezuelano que simboliza a mistura de culturas (indígenas, africanas e europeias), Calero projetará um pavilhão para o Vão Livre do MASP. Seus projetos transformam espaços em ambientes participativos e acolhedores, carregados de memórias afetivas que sugerem noções de identidade, deslocamento e pertencimento.

Carolina Caycedo: *Confluências*

De 3 de julho a 4 de outubro – Edifício Lina Bo Bardi

Curadoria: Isabella Rjeille, curadora, MASP

Com trabalhos que abrangem fotografia, instalação, vídeo, performance e desenho, a produção de Carolina Caycedo (colombiana, nascida em Londres, Reino Unido, em 1978) configura-se como um ponto de encontro entre práticas da arte contemporânea, saberes ancestrais de comunidades ribeirinhas e estratégias de resistência de movimentos sociais latino-americanos. Sua trajetória é marcada por múltiplos processos migratórios que atravessam e informam sua prática, refletindo as relações simbólicas, políticas e culturais que estabelecemos com o mundo.

Atuando frequentemente de forma colaborativa, a artista dedica-se à reconstrução de uma memória comunitária dos bens comuns, que abrange desde o espaço público urbano até rios e montanhas. A exposição apresenta um panorama abrangente de sua produção

e inclui trabalhos recentes desenvolvidos no contexto brasileiro, em diálogo com outros territórios latino-americanos e suas diásporas. O título da mostra refere-se tanto à convergência de cursos d'água quanto ao encontro entre pessoas, ideias e culturas.

Histórias latino-americanas – Mostra coletiva
De 4 de setembro a 31 de janeiro de 2027 – Edifício Pietro Maria Bardi
Curadoria: Amanda Carneiro, curadora, MASP, e Julieta González, curadora-adjunta, MASP, com assistência de Teo Teotonio, assistente curatorial, MASP



Denilson Baniwa, *Natureza morta 1* (Still Life 1), 2016
Foto: Denilson Baniwa

Histórias latino-americanas, tema do ciclo curatorial de 2026, é uma exposição coletiva internacional que ocupará os cinco andares do edifício Pietro Maria Bardi. Organizada em cinco núcleos, a mostra investiga de que maneira a ideia de América Latina foi construída, disputada e transformada ao longo do tempo.

A exposição parte dos processos de colonização, marcados pela violência e pelo extrativismo, e examina o papel do barroco e da invenção do paraíso tropical como regimes de imagens que sustentaram a dominação colonial. Ao evidenciar como essas dinâmicas moldaram a modernidade na região, a mostra destaca também contranarrativas e formas históricas e contemporâneas de contestação.



Adriana Varejão, *Quadro ferido (Wounded Painting)*, 1992
Foto: Eduardo Ortega

O percurso expositivo aborda, ainda, formas comunitárias de organização social de povos indígenas e

afrodescendentes – como quilombos, palenques e cumbes –, assim como tradições utópicas de resistência aos autoritarismos, exemplificadas pelo movimento zapatista. Considera, igualmente, a circulação de pessoas, bens e ritmos em processos de migração e diáspora que conectam a América Latina a outras geografias.

Por fim, a mostra explora concepções indígenas sobre fim e renovação, convidando o público a imaginar futuros possíveis diante das crises do presente.

Pablo Delano: *Museu da Antiga Colônia*

De 30 de outubro a 31 de janeiro de 2027 – Edifício Lina Bo Bardi

Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Fernando Oliva, curador, MASP



Pablo Delano, Vista detalhada do *Museu da Antiga Colônia* (MotOC), 2024 Foto: Pablo Delano / Reprodução

Museu da Antiga Colônia é uma instalação de grande escala que investiga a persistência e a resiliência das estruturas coloniais a partir do contexto de Porto Rico, ilha submetida a mais de quinhentos anos de dominação colonial. Concebida pelo artista Pablo Delano (Porto Rico, 1954), a obra reúne uma miríade de objetos, fotografias, jornais, filmes e revistas que articulam múltiplas narrativas sobre o domínio espanhol e, posteriormente, estadunidense, incidindo sobre populações indígenas e nativas, e também sobre pessoas de ascendência africana

O título da instalação estabelece uma referência irônica tanto à cumplicidade histórica dos museus quanto a uma marca de refrigerante estadunidense amplamente difundida em Porto Rico. Ao fazê-lo, o artista evidencia como o poder e a presença dos Estados Unidos se fundamentam na exploração colonial, na lógica da higiene social e na hierarquização racial – dinâmicas que se materializam na circulação de bens, pessoas e valores, assim como no recrutamento de antropólogos, missionários, fotógrafos e agentes políticos para a manutenção da matriz colonial.

Rosa Elena Curruchich: *Crônicas de Comalapa*

De 30 de outubro a 4 de abril de 2027 – Edifício Lina Bo Bardi

Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP; Yudi Rafael, curador assistente, MASP; e Guilherme Giufrida, curador assistente, MASP

A exposição retrospectiva reúne mais de 80 obras de Rosa Elena Curruchich (Comalapa, Guatemala, 1958-2005), pintora autodidata indígena de origem Maya Kaqchikel. Curruchich era neta do artista que iniciou, nos anos 1930, uma tradição popular de pintura a óleo entre os Kaqchikel. Sua produção destaca-se entre a

primeira geração de mulheres pintoras dessa tradição, pela maneira singular com que elaborou o legado pictórico do registro da vida cotidiana e das cerimônias de seu povo, com atenção especial aos *huipil*, vestimentas femininas artesanais.

A artista manteve sua prática em segredo por receio de represálias, o que contribuiu para que grande parte de seu conjunto de pinturas fosse realizada em pequenos formatos, adequados ao transporte discreto. Sua obra, apresentada na 60ª Bienal de Veneza em 2024, vem sendo amplamente revisitada nos últimos anos. Esta é a primeira exposição retrospectiva dedicada à artista no Brasil.



Rosa Elena Curruchich, *Las Patojitas las tres en su cumpliaño hace una ceremonia de ellas (A Procissão da Ressurreição)*, circa 1980 Foto: Eduardo Ortega

Manuel Herreros de Lemos e Mateo Manaure Arilla

De 27 de novembro a 4 de abril de 2027 – Edifício Lina Bo Bardi

Curadoria: Glaucea Helena de Britto, curadora assistente, MASP, e Matheus de Andrade, assistente curatorial, MASP

A exposição é a primeira no Brasil dedicada ao curta-metragem documental *"TRANS"* (1982), dirigido pelos artistas venezuelanos Manuel Herreros de Lemos e Mateo Manaure Arilla, estreado em 1983. Além da exibição do filme, a mostra reúne um conjunto inédito de materiais fotográficos relacionados à sua produção, apresentando as vidas, as subjetividades e os enfrentamentos de pessoas trans e travestis na cidade de Caracas no início da década de 1980. O trabalho retrata com sensibilidade questões urgentes, como a criminalização do trabalho sexual, a violência de gênero e a marginalização institucional. Na contramão de uma perspectiva distanciada, o filme propõe uma colaboração poética e política entre diretores e protagonistas, cujas relações de intimidade, vulnerabilidade e potência se refletem nas imagens. Invisibilizado por décadas, o curta de 16 mm tem sido progressivamente incorporado a programações de instituições internacionais.

Jesús Soto

De 27 de novembro a 4 de abril de 2027 – Edifício Lina Bo Bardi

Curadoria: Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Mateus Nunes, curador assistente, MASP, com assistência de Isabela Ferreira Loures, assistente curatorial, MASP

Jesús Soto (Ciudad Bolívar, Venezuela, 1923-Paris, França, 2005) foi um dos nomes centrais da arte cinética e um dos principais expoentes do modernismo latino-americano no cenário internacional. Em sua obra, o artista introduziu a sensação de movimento real e a participação ativa do espectador – como nos céle-

bres *Penetráveis* –, além de explorar fenômenos ópticos por meio da sobreposição de planos, ritmos e transparências.

Ao dissolver as fronteiras tradicionais entre observador e obra, Soto contribuiu de maneira decisiva para o debate de questões teóricas que permanecem atuais, como as noções de imaterialidade, interação e virtualidade. A exposição destaca sua produção entre o início da década de 1950 e o final dos anos 1980, período marcado por uma abordagem particularmente experimental das experiências ópticas, geométricas e interativas.

A mostra reúne parcerias e empréstimos de importantes coleções dos Estados Unidos, da França e do Brasil, incluindo obras históricas, trabalhos interativos e material arquivístico, e acontece mais de vinte anos após a última exposição individual do artista em um museu brasileiro.

Sala de vídeo
2° subsolo, Edifício Lina Bo Bardi

Clara Ianni *(São Paulo, 1987)*
De 6 de fevereiro a 22 de março
Curadoria: Daniela Rodrigues, supervisora de mediação, MASP
Ianni explora a relação entre história e política; aborda as contradições da modernização e as mitologias do progresso, especialmente em relação ao Brasil.

Oscar Muñoz *(Popayán, Colômbia, 1951)*
De 3 de abril a 21 de junho
Curadoria: Matheus de Andrade, assistente curatorial, MASP
Muñoz investiga as relações entre identidade, memória e imagem por meio de experimentações com suportes fotográficos e audiovisuais.

Regina José Galindo *(Cidade da Guatemala, 1974)*
De 3 de julho a 23 de agosto
Curadoria: Bruna Fernanda, assistente curatorial, MASP
Galindo é uma artista e poeta que faz do próprio corpo um instrumento para expor as violências impostas pelas estruturas de poder nas sociedades contemporâneas.

Claudia Martínez Garay *(Ayacucho, Peru, 1983)*
De 4 de setembro a 18 de outubro
Curadoria: TeoTeotonio, assistente curatorial, MASP
Garay revisita narrativas coloniais latino-americanas, especialmente as relacionadas ao Peru, por meio de fabulações criadas a partir de artefatos museológicos e figuras históricas.

Edgar Calel *(Chi Xot, Guatemala, 1987)*
De 30 de outubro a 31 de janeiro de 2027
Curadoria: Isabela Ferreira Loures, assistente curatorial, MASP
Calel se destaca por uma poética sensível, atravessada por dimensões espirituais e rituais vinculadas à cosmovisão maia-kaqchikel. Suas obras propõem uma reflexão crítica sobre a marginalização das comunidades indígenas latino-americanas e questionam formas hegemônicas de produção, exposição e circulação de arte.

SERVIÇO
MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3149-5959
Dias/Horários: terças grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta e quinta, das 10h às 18h (entrada até as 17h); sexta, das 10h às 21h (entrada gratuita das 18h às 20h30); sábado e domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas.
Agendamento on-line obrigatório pelo link:
masp.org.br/ingressos
Ingressos: R$ 75 (inteira); R$ 37 (meia-entrada)
https://masp.com.br/

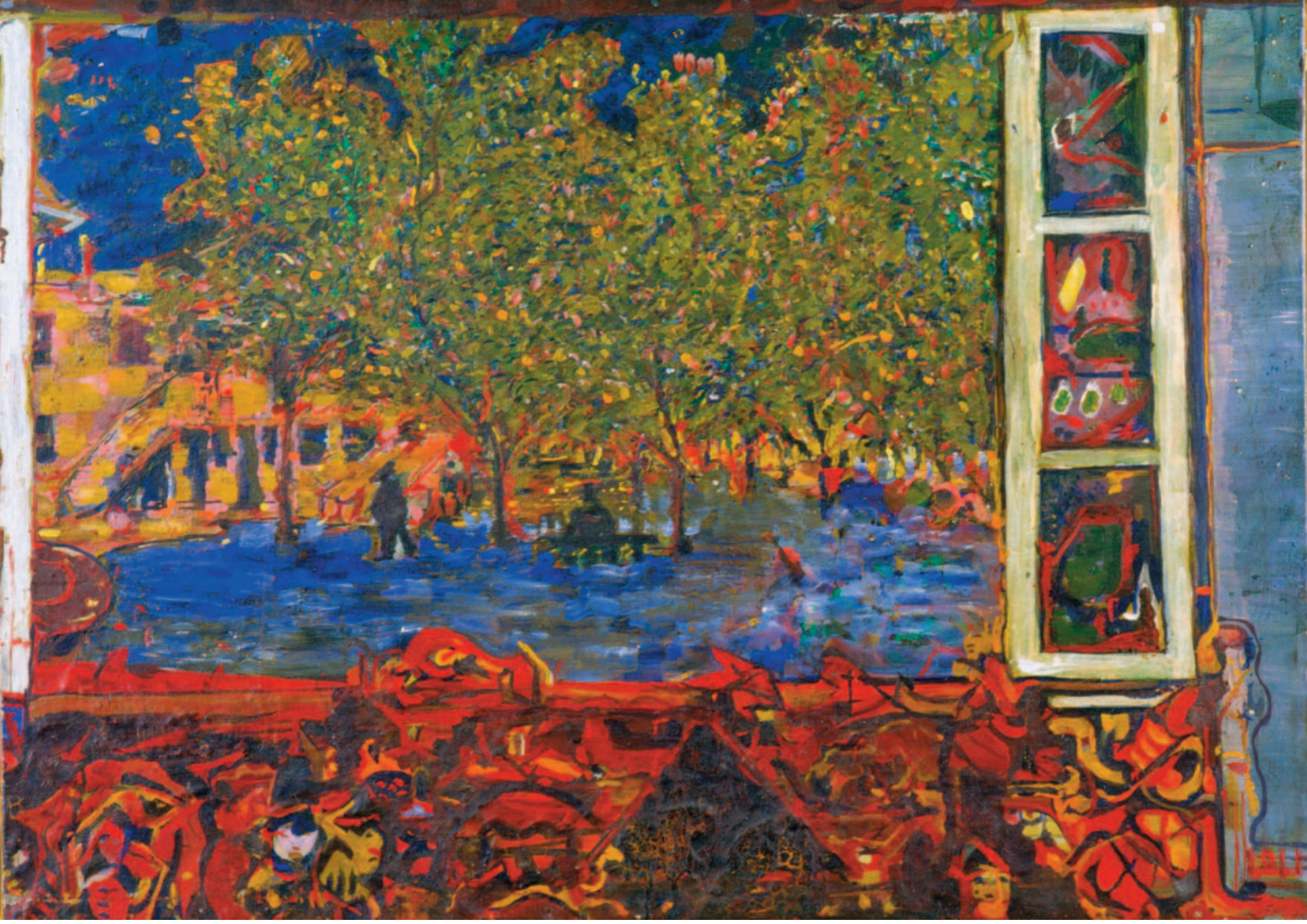


Aurora Cursino dos Santos, *Dr. Homem de Mello*, s.d.

Foto: Gisele Ottoboni

"Riquezas do mundo interno – coleções e leituras" no Museu de Imagens do Inconsciente, RJ

Mostra tem como ponto de partida o livro "Do asilo ao museu – Nise da Silveira e as coleções da loucura", *de Eurípedes Gomes Cruz Jr., músico e museólogo que trabalhou por 25 anos com a Dra. Nise da Silveira (1905-1999). A curadoria é assinada por Luiz Carlos Mello, diretor do museu*



Emygdio de Barros, 1948

Foto: Mauro Domingues

Riquezas do mundo interno – coleções e leituras reúne mais de 60 obras produzidas por pacientes psiquiátricos, provenientes de quatro instituições: o Museu de Imagens do Inconsciente e o Museu Arthur Bispo do Rosário, ambos no Rio de Janeiro; o Museu de Arte Osório Cesar, em Franco da Rocha (SP); e o Museu da Oficina de Criatividade, em Porto Alegre. Composta por pinturas e esculturas, a exposição propõe um percurso não cronológico, estruturado a partir de aproximações poéticas entre as obras.

Esta é a primeira vez que o Museu de Imagens do Inconsciente apresenta trabalhos de acervos externos. A mostra inclui ainda um núcleo com reproduções em papel *fine-art* de coleções internacionais dedicadas à chamada arte bruta, como a Coleção *Prinzhorn* (Alemanha), a *Collection de l'Art Brut* (Lausanne, Suíça) e a Coleção *Adamson*, da *Wellcome Library* (Londres).

A exposição integra as comemorações dos 50 anos da Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, atualmente presidida pela Dra. Margareth Dalcolmo. Segundo o curador e diretor do museu, Luiz Carlos de Mello, as obras expostas revelam *"uma riqueza artística e uma densidade simbólica extraordinárias, nas quais fantasia e imaginação alcançam*

dimensões inesperadas", capazes de provocar forte impacto no público.

Criado em 1952 pela Dra. Nise da Silveira como centro de estudos e pesquisas sobre a psique humana, o Museu de Imagens do Inconsciente abriga hoje a maior coleção do mundo nesse campo, com aproximadamente 400 mil obras produzidas em ateliês terapêuticos por pessoas que vivenciaram experiências psíquicas profundas. Desse conjunto, 128 mil trabalhos são tombados pelo IPHAN.

Eurípedes Gomes Cruz Jr., autor do livro *"Do asilo ao museu – Nise da Silveira e as coleções da loucura"* – publicação que foi o ponto de partida para a exposição – destaca que *"as pesquisas conduzidas por Nise da Silveira ultrapassaram os limites da psiquiatria, revelando aspectos do mundo interno comuns a todos os seres humanos e dialogando com o conceito dos* 'inumeráveis estados do ser'*, formulado por Antonin Artaud".* O autor lembra também que *"desde o século XIX, produções plásticas de internos psiquiátricos despertam o*

Solange Luciano, *Hotel dos viajantes*, 2015

Foto: Cylene Dallegrave e Jane Machado





Carlos Pertuis

Foto: Mauro Domingues

interesse de estudiosos, dando origem a coleções que tentam nomear essas criações – arte bruta, arte virgem, arte singular – sem jamais esgotar sua complexidade".

Em paralelo à exposição, serão lançadas novas edições revistas e ampliadas dos livros *Nise da Silveira: Caminhos de uma psiquiatra rebelde*, de Luiz Carlos Mello, e *Nise da Silveira – afeto, liberdade e criatividade*, de Walter Melo. Instalado no antigo complexo hospitalar do Engenho de Dentro, na Zona Norte do Rio de Janeiro, o Museu de Imagens do Inconsciente recebeu em 2024 apoio do Banco Itaú, que destinou R$ 800 mil ao seu Plano Anual, viabilizando a preservação de seus acervos artísticos, bibliográficos e documentais.

SERVIÇO

Exposição de longa duração
"Riquezas do mundo interno – coleções e leituras"
Museu de Imagens do Inconsciente
Rua Ramiro Magalhães, 521, Engenho de Dentro,
Rio de Janeiro / RJ
Dias/Horários: terça a sábado, das 10h às 16h
Classificação indicativa: livre
Entrada: gratuita
https://www.instagram.com/museudeimagensdoinconsciente/

ITAÚ CULTURAL 2026

Quatro novas mostras da Série Ocupação; primeira individual de Solange Pessoa e exposição sobre a trajetória e produção de Mestre Didi são alguns dos destaques do calendário 2026 do IC



Ana Botafogo

Foto: Facebook da bailarina / Reprodução

OCUPAÇÃO ANA BOTAFOGO

Março a junho | Curadoria: Itaú Cultural

A *Ocupação Ana Botafogo* – 72ª edição da série de exposições do Itaú Cultural dedicada a lançar luz sobre personalidades que moldam e atravessam a cultura brasileira – celebra uma trajetória singular na história da dança clássica no país. A exposição propõe uma travessia entre vida e cena, na qual o gesto artístico se

confunde com o próprio percurso de existência. Referência incontornável, Ana Botafogo (1957) construiu uma presença marcada pela excelência técnica e pelo reconhecimento internacional, mas também por um compromisso contínuo com a transmissão do saber. Sua atuação expande os limites do palco, alcança espaços educativos e faz da dança um território partilhado, ampliando seu acesso e reafirmando seu papel formador em diferentes contextos do Brasil.

EXPOSIÇÃO

MESTRE DIDI – INVENÇÃO E ANCESTRALIDADE NA ARTE AFRO-BRASILEIRA

Abril a julho | Curadoria: Rodrigo Moura e Ayrson Heráclito, com assistência curatorial de Tiago Sant'Ana



Ancorada na polifonia da trajetória e da produção de Mestre Didi (1917-2013), a exposição aborda a complexidade de um artista-sacerdote cuja obra articula, de forma indissociável, espiritualidade e política. Entre formas, matérias e gestos rituais, revelam-se saberes ancestrais e estratégias de afirmação cultural que atravessam sua prática artística. Para além das obras, o percurso expositivo incorpora documentos e documentários da SECNEB (Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil), instituição fundada por Mestre Didi e Juana Elbein em 1975, dedicada ao estudo e à valorização da cultura negra brasileira, assim como a presença do terreiro Ilê Asipá, espaço fundado pelo próprio artista, onde arte, religiosidade e vida se entrelaçam.

Mestre Didi, *Ope Awo Ibo – Palma misteriosa do mato*, 2011
Foto: Divulgação / Simões de Assis Galeria / Reprodução

OCUPAÇÃO RUTH ROCHA

Maio a agosto | Curadoria: Itaú Cultural



Foto: Site da escritora / Reprodução

A *Ocupação Ruth Rocha* se debruça sobre a trajetória de uma escritora atravessada pelas histórias. Nome fundamental na construção de um novo olhar sobre a literatura infantojuvenil brasileira, Ruth Rocha construiu uma obra vasta, com mais de 200 títulos publicados, que marcou gerações de leitores. Antes de autora, porém, Ruth Rocha (São Paulo, 1931) é uma grande leitora. Ainda na adolescência, fez das bibliotecas espaços de descoberta e permanência; da escuta atenta, da leitura e da narração nasceram histórias que, pouco a pouco, transbordaram em escrita. É nesse universo –

tecido entre vida, imaginação e palavra – que a exposição convida o público a acessar, ao mergulhar em sua trajetória e obra – que abriu caminhos tanto para leitores antigos quanto para aqueles que a descobrem agora.

OCUPAÇÃO HELENA IGNEZ

Julho a outubro | Curadoria: Itaú Cultural



Helena Ignez, *Copacabana Mon Amour*, 1970
Foto: Acervo Helena Ignez

Esta Ocupação apresenta a trajetória de Helena Ignez (1939), atriz e diretora de cinema e teatro, cuja obra é marcada pela inquietude, pela invenção e pelo gesto permanente de desvio. Entre telas e palcos, suas criações afirmam um corpo em estado de experimentação, que resiste a formas fixas e reconfigura modos de ver, atuar e dirigir. No cinema, a mostra reúne documentos e imagens dos principais filmes em que atuou e dirigiu, com destaque para a *Belair Filmes*, produtora criada em 1970 por Ignez, ao lado de Rogério Sganzerla e Julio Bressane – experiência radical que tensionou narrativas, linguagens e estruturas de produção. No teatro, ilumina a centralidade do palco em sua trajetória, dimensão ainda pouco reconhecida, mas decisiva para a construção de sua poética. Ancorada na noção de "antimusa", a exposição reflete sobre como Helena Ignez subverteu estereótipos, ironizou mitos e confrontou discursos masculinos.

EXPOSIÇÃO

SOLANGE PESSOA (sem título definido)

Agosto a novembro | Curadoria: Franklin Pedroso

Solange Pessoa (1961) constrói uma obra atravessada pela escuta da matéria e pela memória do corpo. Desde a década de 1980, sua prática multidisciplinar investiga as zonas de contato entre natureza e humanidade, ativando dimensões espirituais, sensoriais e ancestrais da experiência. Em instalações, vídeos, esculturas, desenhos e pinturas, a artista mobiliza materiais orgânicos – terra, couro, penas, pelos, entre outros – tratados de forma visceral, como se carregassem vestígios de tempo, rito e presença. Sua obra convoca o olhar, mas também o tato, o cheiro, a pulsação, instaurando espaços onde o humano e o natural se entrelaçam de maneira indissociável. Amplamente reconhecida internacionalmente, esta será a primeira exposição individual da artista no Brasil, apresentando uma coleção de mais de 150 desenhos, uma instalação e uma seleção de vídeos.

OCUPAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA

Setembro a novembro | Curadoria: Itaú Cultural e Itaú Social

A mostra da Ocupação dedicada a Anísio Teixeira (1900-1971) revisita a trajetória de um pensador para quem



Solange Pessoa, Mendes Wood DM New York, 2018 Foto: Site da Galeria / Reprodução

a educação é um direito de todos e conduz o cidadão à liberdade. Figura central na história da educação pública brasileira, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, Anísio concebeu o ensino como prática transformadora, capaz de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel no mundo. Deu ênfase ao desenvolvimento intelectual e crítico dos alunos, propondo uma educação a partir de aspectos fundamentais de cultura intelectual, social, artística e vocacional, essencialmente aplicada na educação integral, que reverbera até hoje. Entre os marcos de seu legado, destaca-se sua atuação decisiva na elaboração e difusão do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), documento que inscreveu a escola pública, laica e democrática no centro do debate nacional e que ainda hoje ecoa como chamado à invenção de futuros possíveis.



Casa de AnísioTeixeira, Caetité, Bahia Foto: André Koehne / Wikipédia

SERVIÇO
Itaú Cultural
Avenida Paulista, 149, Bela Vista, São Paulo / SP
Dias/Horários: de terça-feira a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados, das 11h às 19h
Informações: tel. (11) 2168-1777 e wapp (11) 96383-1663
E-mail: atendimento@itaucultural.org.br
Acesso para pessoas com deficiência física
www.itaucultural.org.br



Pascale Marthine Tayoy, *L'enfer du décor*, 2025

Foto: Divulgação

Pinacoteca de São Paulo anuncia programação de exposições para 2026

Com um total de 16 mostras distribuídas entre os três edifícios – Pina Luz, Pina Estação e Pina Contemporânea –, o ano será marcado por grandes nomes da cena artística internacional, projetos inéditos e uma grande exposição dedicada às crianças. Entre os destaques estão a primeira individual de Pascale Marthine Tayou no Brasil e uma exposição do sul-coreano Nam June Paik

PRIMEIRO SEMESTRE

PASCALE MARTHINE TAYOU, BEATRIZ MILHAZES E PARA CRIANÇAS

Abrindo a programação do ano, a Pinacoteca apresentará *Nocaute*, primeira exposição institucional do artista camaronês Pascale Marthine Tayou no Brasil, um dos nomes mais relevantes da arte contemporânea. A partir de 7 de março, a mostra ocupará as sete galerias do edifício Pina Luz, reunindo diferentes momentos da trajetória do artista, além de obras concebidas especialmente para a ocasião. Tayou é conhecido por abordar temas como mobilidade, identidade, trocas culturais e

as relações entre humanidade e natureza, em trabalhos que atravessam linguagens e materiais diversos, como escultura, pintura e grandes instalações.

O Octógono ficará a cargo de Cristina Salgado, que desde os anos 1980 investiga o corpo e a psique como temas centrais de sua produção. Em 2026, a artista realizará a maior instalação de sua carreira, intitulada *A mãe contempla o mar*. Complementando a programação do edifício Pina Luz no primeiro semestre, o pintor brasileiro autodidata Pedro Paulo Leal (1894-1968) terá sua primeira exposição individual, ocupando as três salas do segundo andar.

Na Pina Estação, a partir de março, será exibida a mostra *Macunaíma é Duwid*, com curadoria do artista e ativista indígena Gustavo Caboco. A exposição parte da proximidade do centenário de Macunaíma, de Mário de Andrade, como oportunidade para rever e contextualizar o personagem sob uma perspectiva indígena, confrontando o imaginário modernista com as cosmologias e narrativas dos povos originários.

Gustavo Caboco, *Makunaima conversa com o espírito do caxiri nos pés de batata-doce* Foto: Ana Pigosso e Ana Rocha





Beatriz Milhazes, *Figo*, 2006-2007 Foto: Durham Press

Em maio, a produção gráfica de Beatriz Milhazes ganha destaque em uma sala especial dedicada à artista, reunindo trabalhos realizados em colaboração com a *Durham Press*, em Nova York, ao longo de 23 anos. O conjunto completo das obras foi doado pela artista ao acervo da Pinacoteca. Ainda em maio, Alice Yura apresenta uma mostra individual no edifício Pina Contemporânea, a partir dos desdobramentos de sua pesquisa que articula fotografia, arquivo e memória.

Outro marco da programação de 2026 é o projeto *Para Crianças*, que estreia no mesmo mês na Grande Galeria do edifício. Concebida pela Haus der Kunst (Munique, Alemanha) e realizada em colaboração com a Pinacoteca, a iniciativa coloca a infância no centro da experiência artística. Mais do que uma exposição, trata-se de uma rede de trocas culturais que convida crianças a pensar, viver e intervir no mundo por meio da arte.

SEGUNDO SEMESTRE

NAM JUNE PAIK, ISMAEL NERY E MOSTRA PANORÂMICA DE SARA RAMO

No segundo semestre, o destaque será a retrospectiva inédita de Nam June Paik, artista sul-coreano considerado o pioneiro da videoarte. Em colaboração com o *Nam June Paik Art Center* e a *Hyundai Motor*, como parte da *Hyundai Translocal Series*, a mostra ocupará a Galeria Praça do edifício Pina Contemporânea a partir de outubro e a Grande Galeria a partir de novembro. Em resposta à sua obra e em sintonia com discussões contemporâneas sobre meios de comunicação, diálogos transculturais e memória, quatro artistas contemporâneas integram o projeto com trabalhos comissionados: Biarritzzz, Christine Sun Kim, Jane Jin Kaisen e Vivian Caccuri.



Nam June Paik, *Evolution, Revolution, Resolution*, 1989
Foto: Wikiart

Em setembro, a produção poética e filosófica de Ismael Nery, importante nome do modernismo brasileiro, será apresentada no edifício Pina Luz, em mostra que ocupará as sete salas expositivas do primeiro andar. Pintor de retratos, autorretratos e figuras humanas que se articulam de modo simbiótico entre o afeto e a violência, a exposição propõe revelar uma visão original que, muitas vezes, se contrapõe ao discurso canônico sobre o período.



Ismael Nery, *Autorretrato*, 1930
Foto: Wikipédia / domínio público

O Octógono receberá uma instalação de Luana Vitra – artista mineira que tem o ferro, a fuligem, a cerâmica, o trabalho e o corpo como elementos recorrentes em sua produção. Já no quarto andar do edifício Pina Estação, o público terá acesso, pela primeira vez, a uma visão panorâmica da produção de Sara Ramo, artista plástica hispano-brasileira que, ao colecionar resíduos, objetos e histórias, reconfigura o cotidiano em imagens de estranheza e fantasia.

AGENDA DE EXPOSIÇÕES:

PINACOTECA LUZ
Pascale Marthine Tayou / Cristina Salgado – 07/03 a 02/08
Paulo Pedro Leal – 11/04 a 08/11
Olinda Tupinambá – 11/04
Ismael Nery / Luana Vitra / Luiz Roque – 05/09
Juarez Paraíso – 05/12

PINACOTECA ESTAÇÃO
Macunaíma é Duwid – 28/03 até 13/09
Beatriz Milhazes – 09/05
Sara Ramo – 07/11

PINACOTECA CONTEMPORÂNEA
Alice Yura – 11/04 a 13/09
Para Crianças – 30/05 a 18/10
Embalar o mundo: Nam June Paik e diálogos Brasil – Coréia – 17/10
Embalar o mundo: Nam June Paik e diálogos Brasil - Coréia – 21/11

PARQUE JARDIM DA LUZ
Jardim das esculturas: Novas obras e uma história em processo – o ano inteiro

SERVIÇO

Pinacoteca de São Paulo
Pina Luz
Praça da Luz, 2, São Paulo / SP – (11) 3324-1000
Pina Estação
Largo General Osório, 66, São Paulo / SP – (11) 3335-4990
Pina Contemporânea
Avenida Tiradentes, 273, São Paulo / SP – (11) 3335-4990
Dias/Horários: de quarta a segunda, das 10h às 18h (entrada até 17h)
Ingressos: gratuitos aos sábados; R$ 30,00 (inteira) e R$ 15,00 (meia-entrada); ingresso único com acesso aos três edifícios – válido somente para o dia marcado no ingresso; 2º domingo do mês – gratuidade Mantenedora B3

PROJETO MARAVILHA: ANNA BELLA GEIGER



Foto: Manuel Águas

"Typus Terra Incógnita"*: obra monumental de Anna Bella Geiger ocupa o Bosque das Artes, no Parque Bondinho Pão de Açúcar, a partir de 14 de janeiro*

No dia 14 de janeiro, o Projeto Maravilha inaugura sua segunda edição com *Typus Terra Incognita* (2025), escultura de grande formato comissionada à artista carioca Anna Bella Geiger, uma das figuras mais decisivas da arte brasileira contemporânea. Aos 92 anos e com sete décadas de carreira, a artista assina a nova intervenção no Bosque das Artes, espaço de arte contemporânea ao ar livre instalado em área preservada de Mata Atlântica, a quase 400 metros de altitude, no Parque Bondinho Pão de Açúcar – formação geológica com pelo menos 600 milhões de anos.

Idealizado por Fabio Szwarcwald e curado por Ulisses Carrilho, o Projeto Maravilha propõe um diálogo entre

arte, natureza e tecnologia, comissionando artistas de referência para criarem obras de grande escala em contexto de preservação ambiental. A iniciativa é carbono neutro, com todas as emissões compensadas por créditos certificados pela ONU.

A primeira edição, inaugurada em 2024, contou com o artista Carlos Vergara, que apresentou a escultura *Parênteses* e as obras *A Idade da Pedra* e *Pauta Musical*, concebidas como intervenções para o Bosque das Artes. Essas peças permanecem integradas ao percurso em 2025, estabelecendo uma continuidade poética e espacial entre as edições e consolidando o Parque Bondinho Pão de Açúcar como um espaço permanente de diálogo entre arte contemporânea e natureza.

"Já na primeira edição, deixamos claro que o Projeto Maravilha não é uma ação pontual, é um programa", afirma Szwarcwald. *"Agora, com uma das maiores artistas brasileiras, ampliamos esse programa."* Para Carrilho, mantêm-se o compromisso ambiental e digital, mas a narrativa ganha uma nova camada: a da cartografia crítica.

Segundo o curador, houve também uma escolha conceitual clara ao priorizar artistas de longa trajetória em um lugar de alta circulação turística e simbólica. *"Em vez do 'artista da vez', entendemos que um cartão-postal como o Pão de Açúcar deve receber nomes de referência da arte brasileira. Primeiro, Vergara. Agora, Anna Bella. É um voto de confiança que o projeto dá ao público: mesmo quem não conhece o nome, pode ter a certeza de que está diante de uma artista fundamental"*, diz Carrilho.

A GEOGRAFIA COMO INVENÇÃO

Desde os anos 1950, a obra de Geiger atravessa as relações entre geografia, linguagem, corpo e política. Nos anos 1970, ela passa a questionar sistematicamente o mapa – não como desenho neutro, mas como artefato ideológico, dispositivo que define o que pertence e o que fica fora, o que o olhar europeu colonizou e o que permaneceu como "desconhecido".

"Se o Vergara nos fez olhar para a Mata Atlântica e para o tempo da pedra, a Anna Bella nos faz olhar para o modo como representamos o mundo", afirma Carrilho. *"Ela está há décadas dizendo que toda representação é incompleta, datada, falha. Levar essa afirmação para um mirante natural do Rio é muito potente."*

A artista conta que o convite do Projeto Maravilha a levou diretamente à forma da gaveta: *"Lá em cima, naquele lugar, tinha de acontecer uma coisa sólida, com um certo sentido de permanência. Então pensei: vai ser uma gaveta. Eu precisava pôr essa situação geográfica num contêiner. A gaveta abriga e revela, mas nunca contém tudo. Nenhuma imagem dá conta do mundo"*, reflete Anna Bella.

FRONTEIRIÇOS, MACIOS E A PASSAGEM PARA O ESPAÇO PÚBLICO

Typus Terra Incognita nasce de um dos eixos centrais da pesquisa de Geiger: a série *Fronteiriços*, iniciada a partir do arquivamento de mapas em cobre – dobraduras e estudos geopolíticos produzidos desde meados dos anos 1970. Ao transpor a gaveta de arquivo para o espaço monumental do Pão de Açúcar, a artista amplia um gesto originalmente doméstico e artesanal.



Orbis Descriptio com Venus – A História da escultura ocidental, da série *Fronteiriços*, 1996
Foto: Site da Galeria Mendes Wood / Reprodução

A escultura se organiza em três nichos interligados. Na parte superior, um mapa-múndi vazado em aço corten enquadra a paisagem do Rio de Janeiro – a Baía de Guanabara, o mar e as montanhas – fazendo com que o território real se projete dentro da cartografia imaginada pela artista.

Nos dois nichos inferiores, convivem obras de diferentes tempos e linguagens: gravuras da série *Arte y Naturaleza*, que abordam o território brasileiro e o sistema amazônico, e um frame do filme *Passagens 2* (1974), no qual a artista atravessa lateralmente o quadro. Juntas, essas camadas constroem um atlas escultórico, em que arquivar e atravessar o mundo se sobrepõem.

A artista explica: *"No momento em que veio o projeto, eu soube que tinha de criar algo sólido, um objeto com um certo sentido de eternidade. Concebi uma gaveta, o contêiner possível de uma situação geográfica. Essa gaveta abriga e revela, mas nunca contém tudo. Nenhuma imagem dá conta do mundo"*, afirma. *"No vídeo das passagens, o tempo insere e retira o corpo. É efêmero e é intenso. Eu sempre tive essa sensação de estar aqui de passagem – não no sentido da morte, mas de que a imagem nunca é a coisa toda."*

A estrutura também ecoa a série dos *"Macios"*, pinturas elípticas, levemente abauladas, em que Geiger explora o abstracionismo informal e a tensão entre gesto e território. Aqui, essa lógica de "dar corpo ao plano" reaparece com uma grande estrutura vazada: com aproximadamente quatro metros de largura e abertura na parte superior para emoldurar o horizonte, a obra é instalada de forma a convidar o visitante a mirar através dela; e a refletir sobre como olhamos e representamos o espaço.



Nuvens II, série *Macios*, 1978
Foto: Site da Galeria Mendes Wood / Reprodução

A obra incorpora, ainda, quatro anjos barrocos – como os que apareciam em antigos mapas, soprando os ventos – posicionados nas extremidades da peça, indicando os pontos cardeais e evocando o imaginário das navegações e das viagens sem mapa.

UMA GAVETA ABERTA PARA O HORIZONTE

Feita em aço corten – o mesmo material utilizado pelo projeto em 2024 –, a escultura reage ao tempo e às intempéries, criando uma superfície que envelhece junto com o lugar. O título em latim, *Typus Terra Incognita*, reafirma um procedimento recorrente na obra de Anna Bella Geiger: o uso da linguagem como matéria histórica. Extraída de mapas antigos, a expressão convoca a memória colonial para ser relida no presente, apontando para as incertezas contemporâneas. *"Seguimos assim: o futuro da Terra é incógnito, o da ecologia é incógnito, os problemas humanos são incógnitos"*, reflete a artista.

Instalada no Bosque das Artes, em área preservada de Mata Atlântica, a obra dialoga diretamente com as intervenções *site-specific* de Carlos Vergara. Vista da encosta da Baía de Guanabara, a escultura funciona como uma gaveta aberta para o horizonte, articulando paisagem, cartografia e experiência sensível do espaço.

ANNA BELLA GEIGER: UM CORPO NO ESPAÇO

Durante a abertura do Projeto Maravilha, em janeiro, o Espaço Maria Ercília, também no Morro da Urca, recebe a mostra *Anna Bella Geiger: um corpo no espaço*, organizada como um percurso de 13 cavaletes autoportantes, com 16 reproduções de trabalhos paradigmáticos. *"Se na primeira edição o recorte foi* Carlos Vergara: um corpo no mundo*, enfatizando a ética do deslocamento e da viagem, agora o foco se desloca para o espaço: o da representação, do vídeo, da página e da própria arte"*, explica o curador.

Como desdobramento, o projeto editará uma pasta com seis postais de Anna Bella, gesto que remete ao uso político e poético que a artista sempre fez da imagem em circulação e que faz eco ao fato de o Pão de Açúcar ser, ele mesmo, um dos lugares mais icônicos do Rio. Assim como o NFT oferecido ao fim do percurso digital, os postais reforçam o caráter de comissionamento singular do Projeto Maravilha.

MARAVILHA – ÍCONES NA PAISAGEM

A partir deste ano, o Projeto Maravilha passa a integrar o recém-lançado *"Maravilha – Ícones na Paisagem"*, que prevê a instalação de obras de artistas renomados em diferentes espaços públicos do município do Rio de Janeiro. A articulação entre os dois programas amplia o alcance do Maravilha, que além do Bosque das Artes, passa a contribuir para a renovação da paisagem urbana do Rio por meio de intervenções artísticas permanentes.

O Projeto Maravilha é uma iniciativa da A-Ponte, realizada pela LPC Produções e viabilizada pela Lei de Incentivo à Cultura, com patrocínio da *China National Petroleum Corporation – CNPC Brasil* e apoio do Parque Bondinho Pão de Açúcar.

SERVIÇO

Projeto Maravilha: Anna Bella Geiger
Abertura: 14 de janeiro
Bosque das Artes – Parque Bondinho Pão de Açúcar
Av. Pasteur, 520, Urca, Rio de Janeiro / RJ
Ingressos para o Parque Bondinho: www.parquebondinho.com.br
www.projetomaravilha.com.br



Vista aérea do Inhotim com a obra de Hélio Oiticica, *Invenção da cor, Penetrável Magic Square, De Luxe*, 1977 Foto: Brendon Campos

INHOTIM 20 ANOS

Ano de celebração terá festa de aniversário, exposição inédita de Dalton Paula, ampliação da Galeria Cildo Meireles e o retorno de The Murder of Crows, de Janet Cardiff & George Bures Miller

Guiado pela ideia de que é sempre tempo de Inhotim, 2026 inaugura um ciclo de comemorações que se estende por todo o calendário, com uma programação que atravessa as três frentes de atuação da instituição: arte, natureza e educação, em experiências que ampliam o diálogo entre criação, território e comunidade.

Ao longo do ano, haverá oito inaugurações. Entre os destaques, a festa de aniversário, que contará com programação especial e será gratuita; uma exposição comemorativa dos 20 anos, que revisita marcos da trajetória do Inhotim e propõe um olhar sobre o futuro da instituição; uma escultura monumental e inédita de

Lais Myrrha, comissionada especialmente para o parque; e o retorno da instalação sonora *The Murder of Crows* (2009), de Janet Cardiff & George Bures Miller, um dos trabalhos mais populares já apresentados no museu de Brumadinho.

O ano inclui também a reforma e incorporação de uma nova obra na Galeria Cildo Meireles: *Missão/Missões (Como construir catedrais)* (1987), consolidando o conjunto de obras em exibição como o mais importante de Meireles. Além disso, Inhotim apresentará exposições individuais de Dalton Paula e davi de jesus do nascimento. Está confirmada também mais uma edição do *Seminário Internacional Transmutar*, duas edições do programa *O que é...?* e seis edições da *Feira Experiência Brumadinho*.

Mais do que celebrar uma trajetória, Inhotim propõe um olhar em espiral: um movimento de memória, (re)descoberta e reinvenção, em que o tempo não se fecha, mas se expande. Nesse espírito, o museu-parque, reconhecido como o maior museu a céu aberto da América Latina, segue expandindo o diálogo entre arte contemporânea, conservação da biodiversidade e formação de público, reunindo exposições de arte, projetos formativos, seminários, laboratórios e ações educativas que dialogam com Brumadinho e com o mundo.

VARIAÇÕES DO CONTEMPORÂNEO

A programação artística do ano propõe um diálogo entre nomes consagrados e novas gerações, revisitando obras que marcaram a história do museu e apresentando criações inéditas que ampliam a relação entre arte, território, natureza e público. O percurso curatorial destaca a multiplicidade de perspectivas que compõem o campo da arte hoje.

O calendário de arte contempla oito novos projetos, entre galerias e obras comissionadas. O ano se inicia em 7 de fevereiro, com *O Barco – Ato III* (2026), de Grada Kilomba, com a vídeo-projeção inédita *Opera to a Black Venus* (2024) que se junta à instalação *O Barco* (2021) e encerra o ciclo iniciado em 2024. Em seus três atos, *O Barco* criou um memorial cuja experiência imersiva abriu espaços de reflexão sobre diáspora, violência e memória, tornando-se um fenômeno de público e crítica no Inhotim. Na mesma data, o museu apresenta *Esconjuro – Verão* (2026), de Paulo Nazareth, quarta e última etapa de uma série de exposições que evocam espiritualidade, território e ancestralidade afro-brasileira.



Grada Kilomba, *O Barco,* 2021 Foto: Site da Artista / Reprodução

Em 25 de abril, três novas exposições: Dalton Paula ganha uma mostra panorâmica que reúne obras inédi-



Cildo Meireles, *Missão/Missões (Como Construir Catedrais)*, 1987

Foto: Edouard Fraipont

tas e trabalhos icônicos; Lais Myrrha apresenta *Contraplano* (2025), obra comissionada que transforma arquitetura em paisagem, convidando o visitante a habitar o espaço por meio da observação do horizonte; e davi de jesus do nascimento estreia na recém-reformada Galeria Nascente, com uma instalação inspirada nas margens do Rio São Francisco.

O segundo semestre será marcado pela exposição comemorativa dos 20 anos do Inhotim, com inauguração em 12 de setembro. A mostra imersiva, no Centro de Educação e Cultura Burle Marx, apresentará um apanhado histórico sobre o museu – resultado de longa pesquisa documental.

Em 17 de outubro, mais duas inaugurações: a requalificação da Galeria Cildo Meireles, que passa a abrigar a instalação *Missão/Missões (Como Construir Catedrais)* (1987), ao lado de *Desvio para o vermelho* (1967-1984), *Através* (1983-1989) e *Glove Trotter* (1991); e o retorno da emblemática *The Murder of Crows* (2009), de Janet Cardiff & George Bures Miller, cuja arquitetura sonora, composta por 98 alto-falantes, proporciona uma experiência sensorial imersiva, ao misturar realidade e sonho, presente e passado. No dia 18 de outubro, o público será convidado para celebrar o aniversário da instituição, com programação especial gratuita.

TEMPO PARA A NATUREZA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

O *Seminário Internacional Transmutar* – nos dias 6 e 7 de junho, durante a *Semana Internacional do Meio Ambiente* – segue como um fórum qualificado dedicado a discutir transição ecológica, práticas regenerativas e o papel das instituições culturais diante das urgências climáticas. O encontro internacional se consolidou como espaço de escuta, proposição e coalizão, conectando pesquisadores, lideranças comunitárias, artistas, gestores ambientais e o público.

"Hoje, Inhotim, que nasceu como uma coleção particular, transita o seu posicionamento de um lugar focado no colecionismo para uma instituição que também se dedica à conservação de espécies de seu território. Abrigamos, aqui, uma rica diversidade botânica e guardamos fragmentos de mata nativa em processo de regeneração, que contribui com estoque de carbono. E trabalhamos para reforçar essa vocação", afirma Alita Mariah, Diretora de Natureza, Infraestrutura e Operações.

O *Programa de Educação e Território* do Inhotim impactou, nos últimos 4 anos, mais de 126 mil pessoas e projeta alcançar mais em 2026, com um público diverso que contemple redes públicas e privadas de ensino de Minas Gerais, universidades, moradores e moradoras de Brumadinho, além das pessoas que participam das atividades do museu diariamente.

SERVIÇO

Instituto inhotim

Fevereiro: Inaugurações com Grada Kilomba e Paulo Nazareth
Abril: Inaugurações com Dalton Paula, davi nascimento de jesus e LaisMyhrra
Junho: III Seminário Internacional Transmutar
Setembro: Inauguração da exposição Inhotim 20 anos e Anoitecer Inhotim
Outubro: Inaugurações com Cildo Meireles, Janet Cardiff & George Bures Miller e Festa de Aniversário
Rua B, Povoado Inhotim, Conceição do Itaguá, 20, Brumadinho / MG
Central de Atendimento: segunda a sexta, das 9h às 16h30
Tel.: (31) 3571-9700



Janet Cardiff e George Bures, *The Murder of Crows*, 2008
Foto: Pedro Motta

LONDRES 2026: ENTRE HERANÇA E DESLOCAMENTO

Todo ano carrega uma expectativa projetada sobre si. Em 2026, essa expectativa assume a forma de um deslocamento: menos a promessa explícita de ruptura, mais a necessidade difusa de mover estruturas que já não respondem. A numerologia chama de ano 1; a cultura, como sempre, traduz em gestos menos abstratos: revisões, reencenações, desvios calculados.

No campo das exposições, esse impulso não se manifesta como celebração do novo, mas como insistência em olhar de novo. Trajetórias são revisitadas não para ser confirmadas, mas para ser friccionadas; mitos, menos reverenciados do que desmontados; e narrativas, abertas à instabilidade de outras leituras.

Em Londres, o calendário expositivo parece operar justamente nesse intervalo entre herança e deslocamento. Instituições apostam em projetos que recusam a linha reta da história da arte e preferem o atrito: entre passado e presente, forma e política, visibilidade e apagamento.

O que se segue é uma seleção de exposições imperdíveis em 2026; não como mapa definitivo, mas como convite a percursos possíveis.

PRIMEIRO SEMESTRE

BRITISH MUSEUM – SAMURAI

A exposição propõe uma leitura ampla e crítica sobre a figura do samurai, afastando-se dos clichês heroicos para investigar como esse imaginário foi construído ao longo de quase mil anos. Embora hoje o samurai seja associado a ideais rígidos de honra, coragem e sacrifício, a mostra revela como muitos desses valores pertencem mais ao campo do mito do que à realidade histórica. A origem do samurai está ligada à consolidação de uma classe guerreira conhecida como *bushi*, que ganhou poder político a partir do século 12, em um contexto marcado por conflitos e disputas territoriais.



Samurai

© The Trustees of the British Museum. Shared under a Creative Commons Attribution - Non Commercial Share Alike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0) licence

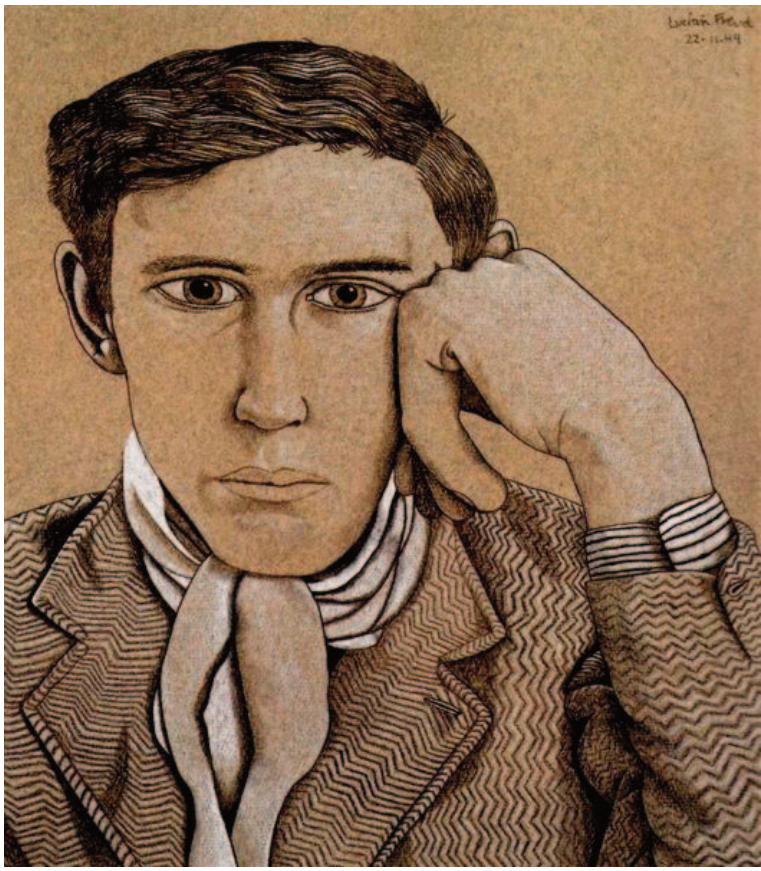
Com o início de um longo período de paz no século 17, o papel dos samurais se transformou profundamente. Longe dos campos de batalha, eles passaram a integrar uma elite social e administrativa, ocupando funções no governo e destacando-se também como intelectuais, artistas e patronos da cultura. A mostra evidencia essa transição por meio de armaduras, objetos rituais e itens de luxo, incluindo peças associadas a figuras históricas como Tokugawa Hidetada, revelando um universo em que o domínio das artes e do pensamento era tão valorizado quanto a habilidade com a espada.

O percurso avança até os séculos 19 e 20, quando a extinção oficial da classe samurai deu origem à idealização posterior do *bushidō*, um código ético moldado por interesses nacionalistas e, mais tarde, amplamente difundido no exterior. Ao conectar objetos históricos a referências contemporâneas – da moda inspirada em armaduras tradicionais a produções da cultura pop, como *Assassin's Creed: Shadows* –, a exposição demonstra como o samurai permanece um símbolo em constante reinvenção, entre história, fantasia e consumo global.

British Museum, The Sainsbury Exhibitions Gallery, Great Russell Street, London WC1B 3DG
3 de fevereiro a 4 de maio

NATIONAL PORTRAIT GALLERY

Um olhar aprofundado sobre a produção em papel de Lucian Freud é a proposta da exposição *Lucian Freud: Drawing into Painting*, que reúne, pela primeira vez no Reino Unido, um conjunto museológico dedicado a essa vertente central de sua prática. O foco recai sobre o interesse constante do artista pelo corpo e pelo rosto humano, explorados por meio de desenhos a lápis, tinta, carvão e gravura, em diálogo direto com pinturas emblemáticas de sua trajetória.



Lucian Freud, *Portrait of a Young Man*, 1944
Foto: Wikiart / Reprodução

Ao evidenciar a passagem do desenho para a pintura, a mostra revela como Freud utilizava o papel como espaço de investigação formal e psicológica. Um núcleo importante é formado por obras recém-incorporadas à coleção, provenientes de seu espólio, incluindo gravuras inéditas que iluminam aspectos menos conhecidos de seu método de trabalho. Entre elas, destaca-se um retrato gravado de sua filha Bella, que reforça o caráter íntimo e experimental do conjunto.

Mais do que uma retrospectiva técnica, a exposição oferece novas chaves de leitura sobre o processo criativo de Freud, ao expor matrizes, provas de impressão e estudos que tornam visível a construção lenta e rigorosa de seus retratos. O resultado é um retrato ampliado de um artista para quem o desenho nunca foi preparatório, mas um campo autônomo de pensamento visual.

National Portrait Gallery, St Martin's Place, London WC2H 0HE – 12 de fevereiro a 3 de maio

DENISE COATES EXHIBITION GALLERIES

A partir de fevereiro, *Seurat and the Sea*, de Georges Seurat, ocupará o terceiro andar da galeria com um recorte inédito de sua obra, ao reunir, pela primeira vez, um conjunto inteiramente dedicado às paisagens marítimas do artista. Trata-se também da primeira grande mostra sobre Seurat no Reino Unido em quase três décadas, ao oferecer uma nova perspectiva sobre um corpo de trabalho raro, marcado por rigor formal e experimentação radical.



Georges Seurat, *Bateaux, marée basse, Grandcamp*, 1885
Foto: Wikiart / Reprodução / Domínio público

O percurso acompanha a evolução do estilo neoimpressionista de Seurat a partir do motivo recorrente do mar, reunindo pinturas, estudos em óleo e desenhos realizados durante os verões que o artista passou na costa norte da França, entre 1885 e 1890. Em portos e cidades banhadas pelo Canal da Mancha, ele explorou a luz, a atmosfera e a atividade marítima por meio de sua técnica característica, baseada na justaposição de pequenos pontos de cor pura.

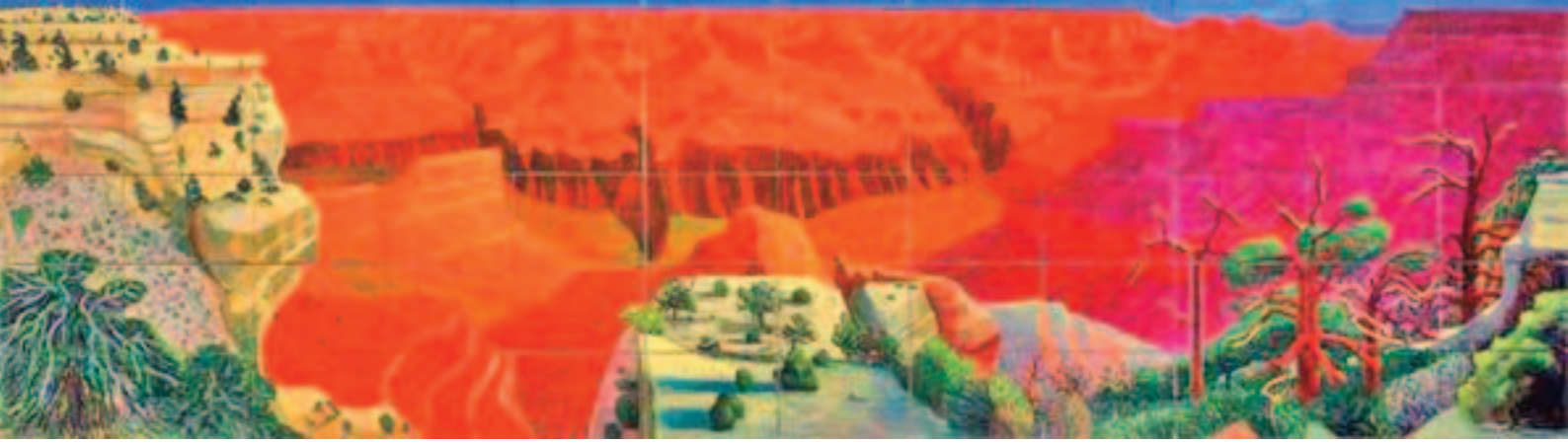
Ao concentrar-se nesse conjunto específico, a exposição evidencia como o contato direto com a paisagem marítima foi fundamental para o desenvolvimento de sua linguagem visual. Em contraste com o trabalho de ateliê, essas obras revelam o desejo de captar a clareza luminosa do litoral e suas variações sutis, reafirmando a importância de Seurat como um dos grandes inovadores da pintura moderna.

Denise Coates Exhibition Galleries, Floor 3, The Courtauld Gallery, Somerset House, Strand, London WC2R 0RN – 13 de fevereiro a 17 de maio

TATE MODERN

Uma grande exposição dedicada a Tracey Emin abre a temporada de 2026 do prestigiado espaço cultural, percorrendo quatro décadas de uma obra que nunca recuou diante da de sua própria exposição.

Ao fazer do corpo feminino um território de paixão, dor e reparação, Emin construiu uma produção marcada pela intensidade emocional e pela recusa de filtros. Amor, trauma e autobiografia atravessam trabalhos de



David Hockney, *A Bigger Grand Canyon,* 1998

Foto: National Gallery of Australia / Wikipédia

tom confessional e direto, em diálogo com um compromisso contínuo com a pintura. As obras recentes surgem na mostra não como ruptura, mas como condensação de uma trajetória guiada pela franqueza e pela absoluta ausência de concessões.
Tate Modern, Bankside, Londres SE1 9TG
26 de fevereiro a 31 de agosto



Tracey Emin, *The Last Thing I Said to You was Don't Leave Me Here II*, 2000

Foto: Wikiart / Reprodução

SERPENTINE NORTH GALLERY

Em março, a galeria apresenta uma exposição dedicada à produção recente de David Hockney, reunindo alguns de seus trabalhos mais marcantes dos últimos anos. Entre os destaques estão as pinturas realizadas no iPad durante o confinamento de 2020, a série *Sunrise* e o extenso friso *A Year in Normandy*, inspirado na paisagem francesa e concebido como um diálogo contemporâneo com a *Tapeçaria de Bayeux*.

A mostra reafirma o interesse permanente de Hockney por novas tecnologias e modos de ver, sem perder de vista temas centrais de sua obra, como o tempo, o cotidiano e a experiência do olhar.
Serpentine North Gallery, West Carriage Drive, Londres W2 2AR – 12 de março a 23 de agosto

V&A SOUTH KENSINGTON

As criações icônicas da estilista Elsa Schiaparelli ocupam o Victoria and Albert Museum. Schiaparelli construiu uma das obras mais provocadoras da moda do século 20 ao transformar o vestir em um campo de experimentação estética e intelectual. Com humor afiado e uma elegância deliberadamente irreverente, suas criações desafiaram convenções e convidaram o olhar a ir além da aparência imediata, revelando o inesperado como valor central.

Atuando dentro das estruturas da alta-costura, Schiaparelli subvertia formas tradicionais por meio do uso de materiais inusitados, detalhes insólitos e referências



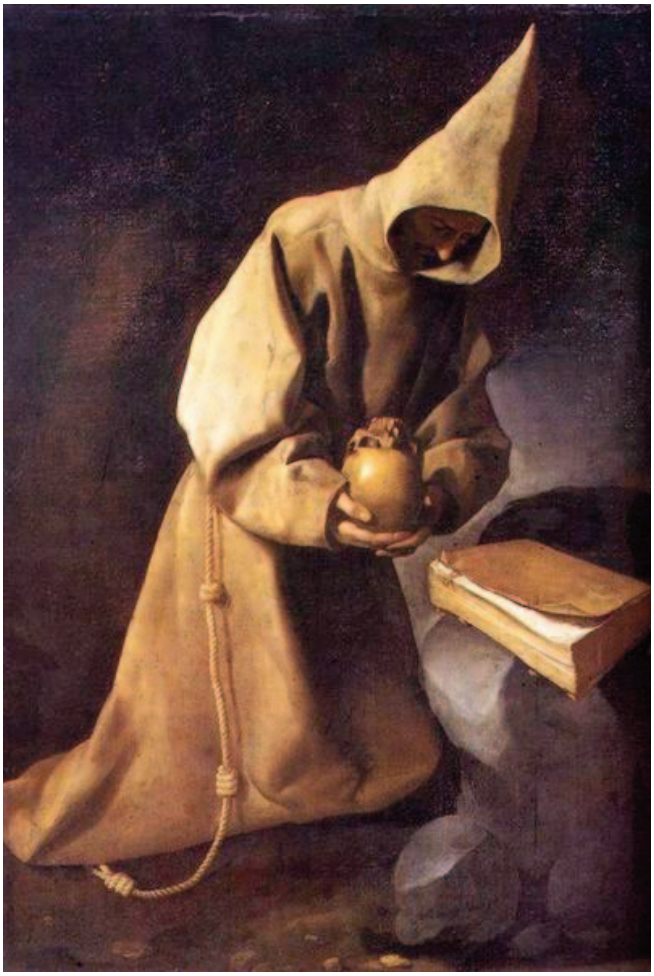
Obra de Elsa Schiaparelli Foto: Arroser / Wikipédia

diretas ao surrealismo. Essa aproximação ganhou força em colaborações com artistas como Salvador Dalí e Jean Cocteau, das quais surgiram peças icônicas que diluem as fronteiras entre moda, arte e imaginação.

Mais do que criar roupas, Schiaparelli formulou uma atitude diante do mundo: em tempos difíceis, a moda, para ela, deveria ser excessiva, espirituosa e perturbadora. Seu legado permanece como a afirmação de que vestir-se pode ser também um gesto de invenção, crítica e liberdade criativa.
V&A South Kensington, Cromwell Road, London, SW7 2RL – 28 de março a 1º de novembro

NATIONAL GALLERY

A primeira grande exposição no Reino Unido dedicada a Francisco de Zurbarán revisita a obra de um dos principais nomes da pintura espanhola do século 17. Reconhecido por suas representações intensas de santos, cenas de devoção e naturezas-mortas, Zurbarán combina realismo rigoroso e forte carga espiritual, criando imagens de impacto direto e silencioso.



Francisco de Zurbarán, *Meditation of St. Francis*, 1632
Foto: Wikiart / Reprodução / Domínio público

Com aproximadamente 50 obras, a mostra percorre diferentes momentos de sua carreira; reúne grandes composições religiosas, pinturas de devoção privada e um raro conjunto de naturezas-mortas. O percurso destaca sua atenção à luz, aos tecidos e aos objetos, aproximando o sagrado do mundo material. Trabalhos de seu filho, Juan de Zurbarán, acrescentam uma dimensão sensível e pouco conhecida ao conjunto.

Mais do que uma retrospectiva, a exposição propõe uma leitura renovada da pintura de Zurbarán, ressaltando a coerência e a força visionária de sua obra. Ao reunir empréstimos internacionais, a mostra reafirma a relevância do artista para a compreensão do barroco espanhol e de sua permanência no olhar contemporâneo.

National Gallery, Sainsbury Wing, Trafalgar Square, London, WC2N 5DN – 2 de maio a 23 de agosto

NATIONAL PORTRAIT GALLERY

No verão, a galeria volta o olhar para Marilyn Monroe em uma exposição que marca o centenário de nascimento da atriz e revisita a construção – e as fissuras – de um dos mitos mais persistentes do século 20.

Ao reunir retratos de artistas e fotógrafos que ajudaram a moldar sua imagem, ao lado de objetos pessoais, livros, roteiros e roupas, a mostra desloca o foco do ícone para a mulher. Do período em que ainda era Norma Jean às últimas fotografias feitas em 1962, o percurso revela uma figura complexa, em permanente negociação entre desejo, exposição e controle da própria imagem.

National Portrait Gallery, St Martin's Place, Londres WC2H 0HE – 4 de junho a 6 de setembro



Marilyn Monroe fotografada enquanto ainda trabalhava numa fábrica, no final de 1944
Foto: David Conover / Domínio público / Wikipédia

SEGUNDO SEMESTRE

TATE MODERN

No início de julho, uma grande exposição dedicada a Ana Mendieta propõe uma leitura abrangente de uma obra que redefiniu os rumos da arte contemporânea. Reúne trabalhos emblemáticos, filmes recentemente restaurados, pinturas iniciais e esculturas tardias; e apresenta ao público britânico um conjunto significativo de obras raramente vistas no país, ampliando o entendimento sobre a complexidade e a coerência de sua prática.

No centro do percurso está a *Silueta Series*, na qual Mendieta investiga a presença e a ausência do corpo humano por meio de intervenções efêmeras na paisagem, utilizando elementos naturais como terra, fogo,

água e flores. Registradas em fotografia e filme, essas ações evidenciam sua relação profunda com a natureza e sua recusa a uma separação rígida entre corpo, território e imagem.



Ana Mendieta, *Untitled* from the *silueta series*, 1973-1977 Foto: Wikiart / Reprodução

Ativa sobretudo nas décadas de 1970 e no início dos anos 1980, a artista articulou ao longo de sua carreira questões ligadas a deslocamento, identidade e pertencimento – temas que permanecem urgentes hoje. Ao retomar sua produção em escala institucional após mais de uma década, a exposição reafirma o caráter pioneiro de Mendieta e consolida seu lugar como uma das figuras fundamentais da arte do século 20.
Tate Modern, Bankside, London SE1 9TG – 9 de julho de 2026 a 10 de janeiro de 2027

TATE BRITAIN

The 90s será inaugurada em outubro. A exposição retrata uma década que redefiniu profundamente a cultura britânica por meio de uma explosão de criatividade, irreverência e ruptura com códigos estabelecidos. Com curadoria de Edward Enninful, a mostra investiga o impacto dos anos 1990 na construção de uma nova identidade cultural, a partir do cruzamento entre arte, moda, música e design.



Yinka Shonibare, *Dysfunctional family*, 1999
Foto: Wikiart / Reprodução



Vivienne Westwood, *Mini Crini*, 1985-87 Foto: Wikipédia

O percurso reúne fotografias emblemáticas de nomes como Juergen Teller, Nick Knight, David Sims e Corinne Day, ao lado de obras de artistas fundamentais da cena britânica, entre eles Damien Hirst, Gillian Wearing e Yinka Shonibare. Criações de estilistas que marcaram a época, como Vivienne Westwood, Alexander McQueen e Hussein Chalayan completam o panorama, evidenciando como a década foi marcada por um espírito de liberdade, experimentação e questionamento das hierarquias tradicionais. A exposição destaca ainda a permanência dessa herança estética e cultural na produção contemporânea.

Tate Britain, Millbank, Londres SW1P 4RG
1º de outubro de 2026 a 14 de fevereiro de 2027

ROYAL ACADEMY OF ARTS
PEGGY GUGGENHEIM EM LONDRES: A FORMAÇÃO DE UMA COLECIONADORA

Antes de se tornar um ícone incontornável do circuito internacional da arte moderna, Peggy Guggenheim deixou uma marca decisiva na cena cultural londrina com a abertura de sua primeira galeria, *Guggenheim Jeune*, ativa entre 1938 e 1939. É esse momento inaugural e decisivo para a consolidação de seu olhar como colecionadora que a exposição *Peggy Guggenheim in London: The Making of a Collector* se propõe a revisitar.

Royal Academy of Arts, Burlington House, Piccadilly, London W1J 0BD
21 de novembro de 2026 a 14 de março de 2027



Peggy Guggenheim, Paris
Foto: Rogi André (Rozsa Klein) Wikipédia

Entre a Amazônia de Albert Frisch e a obra multifacetada de Fernando Lemos, o IMS revela seus destaques do ano



Em 2026, o Instituto Moreira Salles apresentará, em sua sede em São Paulo, uma programação expositiva dedicada a trajetórias de fotógrafos, arquivos e personagens centrais para os campos da arte, da militância e da memória. O conjunto reúne exposições dedicadas a titulares do Acervo do IMS, bem como a arquivos e figuras fundamentais da história visual e social.

Entre os destaques estão duas mostras dedicadas a titulares do Acervo do IMS: Fernando Lemos (1926-2019) e Albert Frisch (1840-1918). *Desocultação* – em cartaz de setembro de 2026 a janeiro de 2027 – apresenta a obra multifacetada de Fernando Lemos, artista, fotógrafo, editor, designer, escritor e pensador português naturalizado brasileiro, cujo arquivo encontra-se depositado no IMS desde 2019.

Reimaginar a Amazônia. A expedição fotográfica de Albert Frisch atravessada pelas vozes do rio – de setembro de 2026 a fevereiro de 2027 – parte das primeiras imagens fotográficas conhecidas da Amazônia e de seus povos originários, realizadas por Frisch, para interrogá-las e problematizá-las. A exposição propõe uma reflexão crítica sobre o papel colonial da fotografia no século XIX. Duas artistas indígenas, Jé Hãmãgãy e Jeguakuai Charrua, redefinem esse conjunto de imagens a partir de trabalhos desenvolvidos no contexto de uma bolsa de pesquisa do IMS. A mostra conta ainda com a participação de outras pesquisadoras, artistas e representantes das comunidades indígenas retratadas por Frisch.

Na página anterior:
Fernando Lemos, *Eu, poeta*, 1949-1952
Foto: Arquivo Fernando Lemos / Acervo IMS



Albert Frisch, *Maloca, habitação dos índios Ticuna, Amazonas*, circa 1867
Foto: Site IMS / Reprodução

Também na sede de São Paulo, a obra de Ara Güler (1928-2018) será apresentada na exposição *Ara Güler | Istambul* – de 14 de novembro de 2026 a 11 de abril de 2027 – que reunirá aproximadamente 2000 imagens do fotógrafo turco associado à agência Magnum e considerado o mais importante cronista visual das transformações vividas por sua cidade natal, Istambul, na segunda metade do século 20.

A exposição *Zumví: arquivo afro-fotográfico* – de 28 de março a 23 de agosto de 2026 – apresenta aproximadamente 400 fotografias do arquivo negro e periférico Zumví, acervo fundamental para a história da fotografia e do movimento negro no Brasil.

Dignidade e luta: Laudelina de Campos Mello – de 16 de maio a 18 de outubro de 2026 – aborda a trajetória, o pensamento e a militância de Laudelina de Campos Mello (1904-1991), sindicalista e referência na luta

pelo reconhecimento e pela valorização do trabalho doméstico, além de importante ativista do movimento antirracista.



Laudelina de Campos Mello, *Baile da Pérola Negra, Restaurante Armorial*, São Paulo, 1957
Foto: Autoria não identificada / Acervo Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas

A programação inclui ainda a primeira colaboração internacional da Biblioteca de Fotografia do IMS, com a mostra *O que elas viram: fotolivros históricos de mulheres* (1843–1999), realizada em parceria com o coletivo *10x10 Photobooks*. Em cartaz de 17 de março a julho de 2026, a exposição reúne fotolivros produzidos por mulheres, evidenciando sua contribuição histórica para a fotografia.

MINAS GERAIS E RIO DE JANEIRO

O IMS Poços receberá a exposição *Stefania Bril: desobediência pelo afeto* – em cartaz de 7 de março a 2 de agosto –, apresentada anteriormente no IMS Paulista entre 2024 e 2025. A mostra destaca a singularidade do olhar fotográfico de Stefania Bril (1922-1992), artista polonesa que emigrou para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial, bem como seu compromisso pedagógico com a difusão da arte fotográfica.



Stefania Bril, *Sucrilhos (Dany Brulhart e Jacqueline Bril)*
Foto: Stefania Bril / Acervo IMS

A obra singular de Liti Guerreiro também será apresentada na unidade de Poços de Caldas, de 29 de agosto de 2026 a 31 de janeiro de 2027. Artista da região, Liti se destaca por uma pintura única e pelos trabalhos que desenvolve a partir de materiais encontrados na natureza, recolhidos por ela em suas andanças habituais.

No Rio de Janeiro, as parcerias institucionais se mantêm, enquanto prosseguem as obras de restauro e reforma da sede do IMS na Gávea. Inaugurada em 9 de dezembro, no Paço Imperial, a exposição *Luiz Braga – Arquipélago Imaginário*, com curadoria de Bitu Cassundé, apresenta uma seleção de 191 fotografias realizadas ao longo de 50 anos de trajetória do fotógrafo paraense Luiz Braga (Belém, PA, 1956).



Luiz Braga, *Homem, monumento*, 2022
Foto: Acervo Luiz Braga

A partir do arquivo do artista, o recorte não linear das imagens delineia a dimensão sensível e ficcional de seu imaginário sobre o território amazônico, eixo central de sua produção. O título da mostra faz referência ao arquipélago do Marajó, o maior arquipélago fluviomarítimo do mundo, formado por mais de 2.500 ilhas no estado do Pará, que inclui a capital Belém e a Ilha do Marajó – territórios amplamente registrados por Braga. Ao eleger sua terra natal como campo poético de investigação da imagem e da vida, o fotógrafo desenvolveu, ao longo das décadas, operações relacionais baseadas na aproximação e no convívio com as pessoas e os lugares retratados. O resultado é uma produção intensa, marcada pela intimidade e pelo cuidado com os sujeitos e os ambientes, que revela uma Amazônia múltipla e complexa.

Luiz Braga – Arquipélago Imaginário foi um dos grandes destaques do IMS Paulista em 2025 e permanece em cartaz até 1º de março. Durante esse período, o atendimento a pesquisadores segue sendo realizado na sede administrativa do IMS, na rua do Russel, na Glória.

No exterior, segue em cartaz até 30 de abril, no Centro de Fotografía de la Intendencia de Montevideo, a exposição *Walter Firmo: no verbo do silêncio, a síntese do grito*, amplo panorama da obra do fotógrafo carioca, inaugurado em 2002 no IMS Paulista e já apresentado em outras cinco cidades brasileiras.



Walter Firmo, *Pai e filho na Praia de Piatã, Salvador, BA*, circa 2005
Foto: Acervo IMS

CINEMA, EDUCAÇÃO E ACERVO

O cinema marca presença com uma retrospectiva da obra do cineasta iraniano Abbas Kiarostami (1940-

2016), em cartaz de abril de 2026 a março de 2027, em São Paulo e em Poços de Caldas. O público poderá assistir a cerca de 30 filmes, muitos deles exibidos em cópias restauradas em 2K; a mostra inclui títulos que, até pouco tempo atrás, eram de circulação rara. É o caso de parte de sua produção inicial, realizada nas décadas de 1970 e 1980 na divisão cinematográfica do Instituto para o Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Jovens, órgão governamental iraniano, em um período que antecede e sucede a Revolução Iraniana de 1979. Integram ainda a mostra filmes consagrados como *Gosto da cereja* (1997), vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes, e *O vento nos levará* (1999), Grande Prêmio do Júri no Festival de Veneza.



Abbas Kiarostami, *Gosto de cereja* Foto: Still

Entre os projetos da área de Educação programados para 2026, destaca-se, no Rio de Janeiro, a *Escola Escuta*, plataforma de formação do IMS voltada ao campo da cultura e da arte, concebida para promover diálogos entre territórios populares e seus protagonistas. Estão previstos o lançamento do livro *O que fazemos quando encontramos uma imagem?*, em versão impressa – distribuída gratuitamente a escolas da rede pública – e em versão digital, disponível para download, além da publicação dos *Cadernos de Mediação Cultural*, desenvolvidos a partir das exposições realizadas pelo IMS.

Na área de Acervo, o Instituto Moreira Salles concluiu recentemente uma ampla atualização de sua base de dados, com a migração para a plataforma *Collective Access*. A nova interface pública online disponibiliza mais de 150 mil itens das áreas de Fotografia, Iconografia, Literatura, Música, Arte Contemporânea e do Centro de Memória e Documentação, acessíveis a pesquisadores, acadêmicos e ao público em geral. Mais de 11 mil obras encontram-se em domínio público e podem ser baixadas e utilizadas, com o devido crédito. O acesso é feito pelo site acervos.ims.com.br.

SERVIÇO

Instituto Moreira Salles
São Paulo
Avenida Paulista, 2424
Tel.: (11) 2842-9120
Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 10h às 20h (fechado às segundas).

Poços de Caldas
Rua Teresópolis, 90
Tel.: (35) 3722-2776
Dias/Horários: terça a sexta das 13h às 19h; sábado, domingo e feriados, das 9h às 19h (fechado às segundas).



Barcos e Pirâmides, Horizonte de Quéops

Foto: Excurio

"Horizonte de Quéops: Viagem ao Antigo Egito”

Expedição imersiva leva o público ao planalto de Gizé no Espaço Cultural CNP de Realidade Virtual, no Shopping Cidade São Paulo

A expedição imersiva ao coração da Grande Pirâmide de Gizé utiliza os recursos mais avançados da realidade virtual para conduzir o público a uma viagem no tempo e no espaço a uma das sete maravilhas do mundo antigo. Realizada no Espaço Cultural CNP de Realidade Virtual, no Shopping Cidade São Paulo, a experiência foi concebida em colaboração com Peter Der Manuelian, professor de egiptologia da Universidade de Harvard, e apresenta um formato inédito, situado na interseção entre cultura, ciência e entretenimento.

Também conhecida como Grande Pirâmide de Gizé, a pirâmide de Quéops, com 146 metros de altura, é a maior já construída no estilo egípcio. Erguida entre 2590 e 2565 a.C., no planalto de Gizé, ela foi projetada como o túmulo do faraó Quéops e permanece como



Templo

Foto: Excurio

um dos mais impressionantes feitos da engenharia da Antiguidade.

Horizonte de Quéops: Viagem ao Antigo Egito oferece ao público a oportunidade de explorar espaços até então inacessíveis, em uma experiência concebida para envolver física e emocionalmente os participantes. Amparada nas amplas possibilidades da realidade virtual contemporânea, a expedição proporciona uma vivência imersiva e memorável.

Com duração aproximada de 45 minutos, a programação inclui um sobrevoo pelo planalto de Gizé; a subida até o topo da pirâmide de Quéops, com uma vista panorâmica de 360°; a exploração de corredores e câmaras funerárias durante uma cerimônia de embalsamamento; a descoberta da Câmara da Rainha, além de um passeio de barco pelo rio Nilo para acompanhar o funeral do faraó, entre outras experiências.

UMA EXPEDIÇÃO À LUZ DAS RECENTES DESCOBERTAS CIENTÍFICAS

Concebida com rigor histórico e científico, a expedição é resultado de vários anos de pesquisa e da coleta de dados no próprio local, desenvolvida em parceria com Peter Der Manuelian, professor de egiptologia especializado na arquitetura funerária – em especial na necrópole de Gizé –, e sua equipe do Projeto Gizé, da Universidade de Harvard.

As Expedições Imersivas têm como princípio assegurar que todas as informações apresentadas sejam baseadas em dados arquitetônicos, científicos e históricos verificados. Produzidas pela *Emissive*, sob a marca

Excurio, essas experiências são projetadas para receber grandes fluxos de visitantes, criando a ilusão de viagens no tempo e no espaço por meio de reconstituições históricas de alta qualidade.

Equipados com dispositivos imersivos, os participantes podem se mover livremente pelo ambiente virtual e compartilhar a experiência com familiares e amigos. A tecnologia desenvolvida pela *Excurio* permite a utilização da realidade virtual em espaços de até 1.000 m², com a visualização dos avatares de outros visitantes, reduzindo a sensação de isolamento comumente associada a esse tipo de experiência.

SERVIÇO

Expedição Imersiva
"Horizonte de Quéops: Viagem ao Antigo Egito"
Até 22 de março
Shopping Cidade São Paulo – Espaço Cultural CNP de Realidade Virtual – 2º Subsolo
Avenida Paulista, 1230, Bela Vista, São Paulo / SP
Dias/Horários: segunda a sexta, finais de semana e feriados, das 10h às 21h15
Ingressos: de R$ 29 a R$ 98 (a depender do dia e horário da visita) | *meia-entrada e condições especiais para família e grupos.
Onde comprar: espacoculturavr.com.br e Fever ou no próprio local da exposição.
Classificação etária: a partir dos 8 anos

Panorama da Pirâmide, Horizonte de Quéops

Foto: Excurio



Seis museus pelo Brasil para visitar com crianças

Programas que vão além do passeio e estimulam a criatividade e a curiosidade infantil

Viajar com crianças pode ser um desafio quando as atividades não são pensadas para incluí-las. Longas caminhadas, espaços pouco acolhedores e atrações que não dialogam com o universo infantil tendem a gerar desinteresse – e transformar um passeio que deveria ser prazeroso em um verdadeiro teste de paciência. Em contrapartida, descobrir lugares que valorizam e estimulam a criatividade e a curiosidade próprias da infância pode transformar um dia comum em uma experiência memorável.

Oferecer às crianças, desde cedo, oportunidades para ampliar seu repertório cultural e aprender coisas novas é fundamental. Nesse sentido, incluir museus no roteiro das férias em família pode ser uma excelente escolha, desde que o acervo ou o espaço sejam convidativos para os pequenos. Para o assessor de Arte da *Aprende Brasil Educação*, Rafael Pawlina, esse tipo de visita contribui para a formação de novos olhares sobre o mundo. *"Levar crianças a museus é muito mais do que um passeio cultural: é uma experiência de descoberta. Ao observar uma pintura, uma escultura ou uma instalação, elas aprendem a olhar com curiosidade e a fazer perguntas"*, explica.

A proposta não é, necessariamente, que a criança compreenda plenamente o conceito das exposições, mas que entre em contato com referências diferentes daquelas do cotidiano. *"Mesmo sem entender tudo o que veem, as crianças desenvolvem sensibilidade, senso estético e, sobretudo, a capacidade de se expressar. O contato com museus desde cedo amplia o repertório emocional e contribui para a formação de cidadãos mais criativos e empáticos"*, completa Pawlina.

Em várias regiões do país, espaços capazes de despertar a curiosidade dos pequenos:

MUSEU DA AMAZÔNIA (MUSA) – MANAUS (AM)

Instalado em uma área de 100 hectares na Reserva Flo-



Torre de observação do Musa

Foto: Divulgação / Musa

restal Adolpho Ducke, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), o Museu da Amazônia (Musa) convida visitantes de todas as idades a uma imersão na

floresta amazônica. Para as crianças, o passeio costuma ser marcante: além das exposições, o espaço abriga viveiros de plantas como orquídeas, bromélias, palmeiras e samambaias, além de áreas dedicadas a insetos, répteis e pequenos animais – entre eles cobras, aranhas, escorpiões, borboletas e cigarras.

Um dos pontos altos da visita é a torre de observação de 42 metros, que oferece uma vista privilegiada das copas das árvores. O complexo inclui ainda jardim sensorial, aquários, o lago das vitórias-amazônicas e sete trilhas em meio à mata.
Funcionamento: todos os dias, exceto quarta-feira, das 8h30 às 17h (última entrada às 16h)
Ingressos: R$ 40; crianças até 5 anos não pagam; há meia-entrada para grupos específicos
Observações: obrigatório o uso de calçado fechado; visitas ao borboletário são proibidas para quem utilizou repelente
Informações: museudaamazonia.org.br/visita

MUSEU BRINQUEDIM – PINDORETAMA (CE)



Museu Brinquedim Foto: Divulgação / Brinquedim

Aberto desde 2002, o Museu Brinquedim é um convite ao universo lúdico da infância. Seu acervo reúne mais de 500 obras do artista plástico Dim Brinquedim – entre telas, esculturas e brinquedos – resultado de mais de quatro décadas de produção. Cores vibrantes e figuras bem-humoradas marcam o trabalho do artista, presente também no parquinho instalado na área externa do museu.

"O mais sério da vida, para mim, é o brincar", afirma Dim, cuja obra tem como eixo central a ideia de que a felicidade é um objetivo fundamental da existência. O entorno do museu completa a experiência, com um conjunto de plantas nativas que funciona como uma pequena exposição da flora nordestina.
Funcionamento: terça a domingo, das 9h às 16h
Ingressos: R$ 30; há meia-entrada para grupos específicos
Informações: museubrinquedim.org.br

INSTITUTO RICARDO BRENNAND – RECIFE (PE)



Instituto Ricardo Brenand Foto: Divulgação / Instituto Brenand

Embora não seja voltado exclusivamente ao público infantil, o Instituto Ricardo Brennand oferece muitas atrações capazes de encantar as crianças. Localizado no antigo Engenho São João, o complexo ocupa uma área de mais de 77 mil m², cercada por mata atlântica preservada.

O acervo reúne obras da coleção particular do industrial pernambucano Ricardo Brennand e está distribuído em cinco edifícios, entre eles pinacoteca, galeria, biblioteca e capela. O principal destaque é o Museu Castelo São João, que abriga uma expressiva coleção de armas brancas de diferentes épocas e origens. A visita pode ser complementada por um passeio pelos amplos jardins de esculturas.
Funcionamento: terça a domingo, das 13h às 17h (última entrada às 16h30)
Ingressos: R$ 50; crianças até 5 anos não pagam; há meia-entrada
Informações: institutoricardobrennand.org.br

MUSEU CATAVENTO – SÃO PAULO (SP)



Museu Catavento

Foto: Divulgação / Museu Catavento

Instalado no histórico Palácio das Indústrias, inaugurado em 1924, o Museu Catavento é um dos principais espaços de divulgação científica do país. Desde 2009, o edifício abriga o Museu de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo.

Com aproximadamente 250 instalações distribuídas em 12 mil m², o museu aposta em exposições interativas organizadas em quatro áreas – *Universo, Vida, Engenho* e *Sociedade*. Entre as atrações estão uma reprodução do solo lunar com a pegada de Neil Armstrong, uma viagem ao tempo dos dinossauros brasileiros e experimentos que explicam conceitos da física de forma acessível.
Funcionamento: terça a domingo, das 9h às 17h
Ingressos: R$ 18; crianças até 7 anos e 11 meses não pagam; há meia-entrada
Informações: museucatavento.org.br

MUSEU OSCAR NIEMEYER (MON) – CURITIBA (PR)



Museu Oscar Niemeyer

Foto: Unsplash

Projetado originalmente para ser uma escola, em 1967, o edifício que abriga o Museu Oscar Niemeyer encontrou sua vocação cultural em 2002. Hoje, o MON é considerado o maior museu de arte da América Latina e é popularmente conhecido como “Museu do Olho”, em referência à icônica estrutura do complexo.

Além do acervo permanente, o museu mantém uma programação de exposições temporárias que dialogam com diferentes faixas etárias. Algumas delas incluem espaços dedicados às crianças, com mesas para desenho e atividades lúdicas. Do lado de fora, o amplo gramado e o espelho d’água com esculturas convidam à exploração.
Funcionamento: terça a domingo, das 10h às 18h (última entrada às 17h30)
Ingressos: R$ 36; crianças até 12 anos não pagam; há meia-entrada
Informações: museuoscarniemeyer.org.br

MUSEU DA VIDA FIOCRUZ – RIO DE JANEIRO (RJ)

Localizado no campus da Fiocruz, em Manguinhos, o Museu da Vida combina ciência, saúde e natureza. Cercado por áreas verdes e frequentado por diversas espécies de aves, o espaço oferece atividades ao ar livre e exposições interativas.

No Parque da Ciência, com 2,4 mil m², as crianças podem escalar uma célula gigante enquanto aprendem sobre energia, comunicação e organização da vida. Já a exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis*, instalada no prédio da antiga Cavalariça, aborda o conceito de saúde em diferentes escalas, da microbiologia às questões sociais. O roteiro inclui ainda o icônico Castelo Mourisco, além de teatro, laboratórios e trilhas histórico-ecológicas.
Funcionamento: terça a sexta-feira, das 9h às 16h30; sábados, das 10h às 16h
Entrada: gratuita
Informações: museudavida.fiocruz.br



Interior da pirâmide do Museu da Vida Fiocruz, com seus experimentos e dispositivos Foto: Museu da Vida Fiocruz / Peter Ilicciev



Foto: www.freepik.com

Artes visuais, dança, cinema, teatro, concertos e um roteiro pela gastronomia sul-coreana, reunidos em uma curadoria enxuta e diversa. Veja, escolha e programe-se.

EXPOSIÇÕES

"HOJE, EU CONTEI PRAS PAREDES"
MOSTRA DE MÁRIO CAMARGO – CENTRO CULTURAL CÂNDIDO MENDES, RJ

O artista plástico Mário Camargo apresenta a exposição



Foto: Divulgação

Hoje, eu contei pras paredes, com curadoria de Denise Araripe, no Centro Cultural Cândido Mendes, em Ipanema. A mostra reúne trabalhos feitos a partir da ressignificação de tecidos que já tiveram uso cotidiano – sofás antigos, colchas gastas, panos esquecidos e tapetes sem destino – materiais que carregam marcas do tempo, do corpo e do abandono. Fixadas diretamente nas paredes por agulhas, as obras funcionam como peles. Fragmentos recortados, justapostos e costurados compõem superfícies nas quais a costura deixa de ser acabamento para se tornar gesto visível, insistente. Sobre esses tecidos, a pintura se impõe em cores densas e vibrantes, atravessada por formas negras irregulares, que evocam células, constelações ou pulsações interrompidas. Entre matéria e cor, as obras instauram um campo de tensão entre o concreto do material e a abstração da forma. Sem molduras e sem distanciamento, os trabalhos transformam a parede em parte ativa da experiência expositiva – não mais fundo neutro, mas corpo que sustenta, absorve e escuta.

Abertura: 7 de janeiro, das 16h às 19h / Visitação: até 4 de fevereiro / Centro Cultural Cândido Mendes / Rua Joana Angélica, 63, Ipanema, Rio de Janeiro, RJ / De segunda a sábado, das 15h às 19h / Entrada franca / Classificação livre

"FESTA NO CÉU" – INSTALAÇÃO INÉDITA DE DAIARA TUKANO NO CCBB BH



Foto: Lucas Mota

Até 28 de fevereiro, o Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte apresenta *Festa no Céu – Mirĩ'kʉ̃ã ʉmʉhsé'pʉ Bahsa'rã*, instalação inédita da artista, curadora e ativista indígena Daiara Tukano. A obra ocupa o pátio do centro cultural com um arco formado por

mais de 100 pássaros, em sua maioria araras, em homenagem à sabedoria ancestral, à preservação da floresta e ao papel das aves como mediadoras entre dimensões espirituais. Estruturada como um grande móbile, a instalação sugere movimento contínuo por meio de pássaros dispostos em quatro posições distintas. Produzidas em material translúcido e decoradas com desenhos de *hori*, as peças projetam cores no espaço durante o dia e à noite, com iluminação especial. Mais do que um conjunto escultórico, a obra se apresenta como um portal para a cosmovisão indígena. Segundo as narrativas de criação do povo Yepá Mahsã Tukano, os pássaros nasceram antes da humanidade, espalhando cores e cantos pelo mundo. Esse surgimento deu origem às mirações, visões que fundamentam os grafismos e pinturas tradicionais. Desde então, as aves fazem a festa no céu, levando mensagens e sonhos em seus cantos e revoadas.

Até 11 de janeiro de 2026 / Museu A CASA do Objeto Brasileiro / Av. Pedroso de Morais, 1216, Pinheiros, São Paulo, SP / Quarta a domingo, das 10h às 18h / Entrada gratuita / https://www.acasa.org.br/

'VILLES ET CORES'' – PAISAGENS URBANAS DE JÉRÔME POIGNARD NO ESPAÇO CULTURAL CORREIOS NITERÓI RJ

Até 31 de janeiro, o artista francês Jérôme Poignard apresenta a exposição *Villes et Cores* no Espaço Cultural Correios Niterói (RJ), em celebração ao Ano da França no Brasil. A mostra reúne 28 aquarelas e quatro telas inéditas em acrílico, além de um mural criado especialmente para a exposição em colaboração com Bragga, pioneiro do graffiti carioca. Com curadoria de Sady Bianchin, o projeto propõe um diálogo entre diferentes linguagens e experiências visuais. Nas obras de Poignard, luz e cor se transformam em paisagens urbanas de cidades como Rio de Janeiro e Paris, evocadas como memórias fluidas e vibrantes. O mural de Bragga amplia esse encontro ao incorporar fragmentos pixelados e padrões geométricos inspirados na estética urbana contemporânea. *Villes et Cores* reafirma a confluência entre design e pintura na trajetória do artista, marcada pela precisão técnica, originalidade e uma exploração sensível da luz, ao mesmo tempo em que fortalece os vínculos culturais entre Brasil e França por meio da arte.

Até 31 de janeiro / Espaço Cultural Correios Niterói, RJ / Av. Visconde do Rio Branco, 481, Centro, Niterói / De segunda a sexta, das 11h às 18h; sábado, das 13h às 18h / Entrada gratuita



Escadaria Selarón
Foto: Divulgação

CONCERTOS

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO ABRE TEMPORADA 2026 COM "FLORESTA BRASILEIRA"

A temporada 2026 do Municipal será inaugurada com o concerto *Floresta Brasileira*, nos dias 23 (sexta-feira), às 20h; 24 (sábado), às 17h; e 25 (domingo), às 11h, na Sala de Espetáculos. Sob a regência de Priscila Bomfim, a Orquestra Sinfônica Municipal se apresenta ao lado do Coro Lírico Municipal e do Coral Paulistano, com participação especial do pianista Hércules Gomes. O repertório celebra a exuberância da natureza brasileira, com obras como *Da Terra*, de Cibelle Donza, inspirada na sonoridade da Floresta Amazônica; *Concerto para Piano nº 2 em Formas Brasileiras*, de Hekel Tavares; *Maracatu de Chico Rei*, de Francisco Mignone; e os emblemáticos *Choros nº 10 – Rasga o Coração*, de Heitor

Villa-Lobos. Os ingressos custam R$ 100, a classificação é livre e a duração é de 100 minutos, com intervalo. Ainda no domingo, 25, às 17h, a Sala de Espetáculos recebe o concerto *Mitos Sonoros*, com a Orquestra Experimental de Repertório, sob regência de Wagner Polistchuk. O programa reúne obras que dialogam com mitos, rituais e paisagens simbólicas da América Latina, como *Fanfarra Sul-Americana*, de Gilson Santos; *Nhanderú*, de Clarice Assad; e *Sinfonia dos Orixás: Suíte*, de José Antônio de Almeida Prado. A apresentação tem entrada gratuita, classificação livre e duração de 60 minutos, sem intervalo. Nos dias 30 (sexta-feira), às 20h, e 31 (sábado), às 17h, a Orquestra Sinfônica Municipal retorna à Sala de Espetáculos com o concerto *Perspectivas Inesperadas*, sob regência do maestro Roberto Minczuk, com participação do percussionista Thiago Lamattina. O repertório inclui *Abertura Trágica, de Johannes Brahms; Concerto para Percussão e Orquestra*, de Chen Yi; e *Sinfonia Doméstica*, de Richard Strauss. Os ingressos custam R$ 100, a classificação é livre e a duração é de 95 minutos, com intervalo.

Dias 23, 24, 25, 30 e 31 de janeiro / Theatro Municipal de São Paulo / Praça Ramos de Azevedo, s/n, República, São Paulo, SP

BALÉ

"GISELLE" – TEATRO J. SAFRA, SP – COMPANHIA PAULISTA DE DANÇA

Sob a direção artística de Adriana Assaf, a Cia. Paulista de Dança apresenta *Giselle*, um dos maiores clássicos do repertório do balé mundial. Com música de Adolphe Adam e libreto de Jules-Henri Vernoy de Saint-Georges e Théophile Gautier, a obra teve sua coreografia original criada por Jules Perrot e Jean Coralli, em 1841. Considerado um dos balés românticos mais célebres e populares do século XIX, *Giselle* se passa em uma pequena vila europeia e narra a história de uma jovem camponesa ingênua que morre de amor ao descobrir que seu amado, Albrecht, é um nobre disfarçado e já prometido a outra mulher. No segundo ato, Giselle retorna como uma Wili – espírito de noiva abandonada – e, mesmo diante da ordem de sua rainha, Myrtha, para que dance com Albrecht até a morte em vingança, o amor e o perdão prevalecem. Ao salvar o amado, Giselle alcança sua redenção e retorna à sua tumba, em um dos desfechos mais emblemáticos da história do balé.

10, 11 e 12 de dezembro / Imperator – Centro Cultural João Nogueira / R. Dias da Cruz, 170, Méier, Rio de Janeiro, RJ / Horário: 19h / Ingressos: R$ 5,00 (inteira) e R$ 2,50 (meia-entrada)



Foto: Daniel Recca

CINEMA

"MORRA, AMOR", COM JENNIFER LAWRENCE ESTREIA EXCLUSIVA NO MUBI – 23 DE JANEIRO

O novo e arrebatador longa-metragem da roteirista e diretora Lynne Ramsay (*Você Nunca Esteve Realmente Aqui, O Romance de Morvern Callar, Precisamos Falar Sobre o Kevin*) acompanha a história de um jovem casal apaixonado e cheio de expectativas (Grace e Jackson) que se muda de Nova York para uma casa herdada no interior dos Estados Unidos. Em meio ao isolamento da vida rural, Grace tenta reencontrar sua identidade com a chegada do primeiro filho. À medida que a personagem passa a se desestabilizar, não por fragilidade, mas movida pela imaginação, pela força e por uma vivaci-

dade indomável, inicia-se um intenso processo de redescoberta. Ambientado na zona rural norte-americana, *Morra, Amor* é o retrato perturbador de uma mulher consumida pelo amor e pela loucura. No elenco, além de Jennifer Lawrence, estão Robert Pattinson, LaKeith Stanfield, Nick Nolte e Sissy Spacek. O filme teve estreia mundial no Festival de Cannes, no início de 2025. Desde então, Jennifer Lawrence recebeu o Prêmio Donostia no Festival de San Sebastián, foi indicada ao *Gotham Award* de Melhor Performance Protagonista e ao Globo de Ouro 2026 na categoria Melhor Atriz em Filme de Drama. *Morra, Amor* também conquistou sete indicações ao *BIFA – British Independent Film Awards*, incluindo Melhor Direção para Lynne Ramsay e Melhor Performance como Protagonista para Jennifer Lawrence.

Disponível a partir de 23 de janeiro / https://mubi.com/pt/br/films/die-my-love/

TEATRO

"A SABEDORIA DOS PAIS" – TEATRO VANNUCCI
TEMPORADA PRORROGADA ATÉ 8 DE FEVEREIRO

Espetáculo de Miguel Falabella reúne Natália do Vale e Herson Capri, que celebram 50 anos de carreira. Sucesso de público desde a estreia, em setembro, a montagem aborda recomeços, amadurecimento e as possibilidades do amor após uma vida inteira compartilhada. A trama acompanha a trajetória de um casal que, depois de 35 anos de um casamento aparentemente perfeito, decide se separar. Ao longo dos dez anos seguintes, cada um busca novos caminhos e experiências, aprendendo a viver sem o outro, guiados pelas lembranças e pelos ensinamentos de seus pais, que também tiveram uniões duradouras. Nesse processo de reinvenção, enquanto tentam construir novas vidas, os personagens seguem movidos pela esperança e, com humor e delicadeza, percorrem temas como etarismo, transformação pessoal e a continuidade da vida afetiva na maturidade.

De 9 de janeiro a 8 de fevereiro / Teatro Vannucci – Shopping da Gávea - Rua Marques São Vicente, 52, Rio de Janeiro, RJ / Sexta e sábado, às 20h; domingo, às 19h / Ingressos Sympla

GASTRONOMIA

"EM BUSCA DE HANSIK – GASTRONOMIA COREANA EM NITERÓI

Após uma temporada de sucesso em São Paulo, a exposição *Em Busca de Hansik* amplia suas fronteiras e chega a Niterói (RJ) para uma temporada no Centro Cultural Paschoal Carlos Magno. Gratuita, a mostra fica em cartaz até 25 de janeiro e tem como proposta apresentar a gastronomia coreana (Hansik) a novos públicos, promovendo um mergulho nas tradições milenares que conectam a cultura alimentar da Coreia do Sul à brasileira. A exposição tem como base o projeto editorial e o fotolivro *Coreia do Sul: Cores & Sabores*, do crítico e escritor gastronômico Carlos Eduardo Oliveira. Por meio de imagens registradas pelo fotógrafo Junwon Park durante uma imersão no país asiático, a mostra convida o visitante a uma viagem sensorial que explora não apenas os pratos, mas a essência de um povo revelada pelo paladar. A edição em Niterói é uma realização do Centro Cultural Coreano no Brasil, em parceria com a Editora Melhoramentos e a jornalista Ana Claudia Guimarães.

Até 25 de janeiro / Centro Cultural Paschoal Carlos Magno / Campo de São Bento, Portão 2, entrada pela Rua Lopes Trovão, Niterói, RJ / Horários: de terça a sexta, das 10h às 18h; finais de semana e feriados, das 9h às 14h / Entrada gratuita (sujeita à lotação do espaço) / Classificação: Livre



Foto: Junwon Park



LUIZ BRAGA

Arquipélago imaginário

curadoria Bitu Cassundé

EXPOSIÇÃO

9 DEZ 25 - 1 MAR 26

RENATO BEZERRA DE MELLO

Tudo o que é frágil brilha sem medo do esplendor

curadoria Paula Terra-Neale

EXPOSIÇÃO

9 DEZ 25 - 1 MAR 26



PAÇO IMPERIAL

Praça XV de Novembro, 48
Centro - Rio de Janeiro
55 21 2215 2093

Terça à domingo das 12h às 18h
Entrada Franca